

PREFÁCIO

Um observador atento percebe, sem o menor esforço, que todos os bairros nobres, de qualquer cidade brasileira, são bairros de brancos. Neles os negros e seus mestiços comparecem apenas para prestar serviços.

Se este observador tentar descobrir a razão desta concentração de riqueza, poder e prestígio em mãos brancas, irá se defrontar com um problema social que transformou-se num verdadeiro tabu brasileiro.

Quer entre brancos, quer entre negros, este é um assunto maldito do qual todos querem se manter afastados. Os brancos, porque temem despertar a consciência negra. Os negros, porque possuem um terrível complexo de inferioridade perante os brancos e tentam desesperadamente fugir da cruel realidade na qual são rejeitados e mal amados.

Este livro toca em feridas de um doente que tem medo de procurar a cura. Toca em sentimentos de opressores que vivem em paz com sua consciência, porque se crêem bondosos e justos.

DEDICATÓRIA

AOS BRANCOS

Àqueles poucos que foram meus amigos sinceros e aos quais devo lealdade e respeito, peço perdão por incitar a outra metade do Brasil a lutar pelo justo direito de participar da riqueza e bem estar desta enorme nação. Se este livro tiver um mínimo de aceitação entre negros, meus amigos brancos e seus descendentes terão que se esforçar muito mais para ocupar os espaços nobres de nossa sociedade.

Àqueles que me discriminaram, e que não foram poucos, depois de longo tempo de angústia, finalmente posso agradecer-lhes. Através de seu veneno racista aprendi a temperar meu ânimo e disposição para a competição. Aprendi finalmente a transformar seu racismo em poderoso estimulante para a luta.

AOS NEGROS

Infelizmente, nestes anos todos dedicados a observar, debater e tentar modificar a triste realidade dos negros perdi alguns dos poucos amigos brancos que possuía sem conseguir colocar amigos negros em seus lugares. Depois de algum tempo percebi que este comportamento é um dos sintomas da grave doença social que atinge grupos mal-amados, rejeitados e incapazes de reagir devido à sua impotência.

AOS MESTIÇOS

Pobres criaturas sem identidade. Vivem a ilusão de serem o que nunca poderão ser. Jamais conseguirão descansar em paz entre seus semelhantes raciais, pois rejeitam os negros e, pelos brancos, são rejeitados.

COMO TUDO COMEÇOU...

No Brasil é enorme a diferença entre a ilha de prosperidade e conforto habitada pelos brancos e o mar de miséria no qual os negros vivem mergulhados.

Tal diferença é baseada em dois fundamentos: (1) no constante esforço que os brancos fazem para dificultar a ascensão social dos negros e (2) na fraqueza de vontade e impotência do negro perante o poder dos brancos.

Se por um lado o poder econômico e político concentrado em mãos brancas é utilizado de modo a manter o subdesenvolvimento do negro, por outro lado, os negros que lutam contra o caráter explorador e dominador dos brancos não têm obtido êxito porque ignoram o PODER e sua aplicação como ferramenta de trabalho para atingir objetivos.

Conhecer os componentes básicos do poder e suas diversas manifestações, bem como saber avaliá-lo para possível aplicação, é de fundamental importância àqueles que pretendem atingir objetivos a despeito de resistências e obstáculos.

Considerando a evidente má vontade que a grande maioria branca tem em relação ao negro, não há dúvida de que o desenvolvimento do negro depende exclusivamente dele próprio. É fundamental que o negro esteja de prontidão e atento para superar os obstáculos que certamente os brancos semearão em seu caminho rumo ao progresso, como vem ocorrendo há séculos.

O objetivo deste livro é apresentar aos negros a maneira de avaliar e aplicar o poder segundo conceitos que até o momento estiveram ao alcance de apenas uma pequena minoria - denominada elite.

ORIGEM E MANUTENÇÃO DA ESCRAVIDÃO - Para entender a situação atual do negro é preciso analisar primeiramente a origem da escravidão. É fundamental entender como era possível aprisionar e manter sob controle homens fortes e capazes de matar para se libertar.

O QUE É ESCRAVIDÃO - Escravidão é a situação social de um indivíduo ou grupo, obrigados SOB AMEAÇA a servirem outro indivíduo ou grupo, que tem sobre os escravos pleno direito de propriedade, inclusive dando-lhes valor de mercadoria.

ORIGENS - A escravidão de outras raças originou-se centenas de anos antes da escravidão negra. A origem da escravidão está ligada à fixação do homem à terra, momento em que era preciso obter alimentos através do plantio e da criação de animais.

A primeira fonte fornecedora de escravos foi a guerra, quando os inimigos vencidos deixavam de ser exterminados ou devorados em rituais canibais, para serem usados no trabalho. Criminosos eram condenados à escravidão. Maridos podiam vender filhos e esposas. Pessoas livres reduzidas à miséria vendiam-se para não morrer de fome. Filhos de escravos tornavam-se escravos. Quando diminuía os escravos provenientes da guerra, dava-se grande valor à procriação como fonte de abastecimento. Outra fonte importante era o rapto, especialmente de crianças.

Enquanto a agricultura era voltada para a subsistência, a escravidão conservou um jeito doméstico, onde o escravo tinha tratamento menos rude. Porém ao iniciar-se a agricultura para comércio, a escravidão assume proporções de massa, formando-se verdadeiros rebanhos humanos, onde o escravo é tratado rudemente. Nos séculos I e II antes de Cristo, em Roma, a escravidão atinge o máximo. Os romanos, após tomarem as terras dos pequenos proprietários e formarem grandes latifúndios, passaram a plantar utilizando escravos, os quais eram abundantes e baratos.

Vale ressaltar que a escravidão foi o fator fundamental da decadência do Império Romano. A sociedade romana baseava-se no trabalho escravo e só prosperou enquanto se abastecia de escravos. Ao formar o latifúndio, ficou mais dependente ainda do trabalho escravo. Ao perder a capacidade de obter escravos por via de guerras intercontinentais, começou a penetrar no interior da Europa - Itália, Gália e Espanha - praticando a colonização interna. Deixou de ser um império costeiro e passou a ser um império interior. O auto-abastecimento passou a ser a primeira preocupação da propriedade agrícola. Isso refletiu diretamente nas grandes cidades, que começaram a dispersar-se em fazendas. No fim do Império Romano, essas fazendas começam a se transformar em organizações feudais com pequenas tropas concorrendo com um enfraquecido poder central. Surgem os barões feudais. E o escravo europeu transforma-se em servo.

NA IDADE MÉDIA - No final do século III, a crise da agricultura apressou duas importantes transformações: escravos e colonos livres passaram à

servidão. Fazer o servo responsabilizar-se pela sua própria subsistência era muito melhor do que alimentar, vestir e vigiar escravos. O mundo fechado do feudalismo não permitia a compra maciça de escravos e adaptava-se melhor a uma servidão baseada na dependência da pessoa e de seus filhos. O servo era obrigado a ligar-se à terra e ao senhor feudal.

Com a evolução da escravidão em servidão e a influência do cristianismo, **INICIA-SE A TENDÊNCIA DE ESCRAVIZAR PESSOAS DE OUTRAS RAÇAS E CULTURAS.**

No século IX as populações eslavas dos Balcãs - hoje Iugoslávia, Albânia, Bulgária, Romênia, Turquia - foram a massa servil utilizada na Europa Ocidental - hoje Alemanha, França, Espanha, Portugal.

Ainda na Idade Média, declina o uso de escravos na Europa e aumenta no mundo muçulmano, em geral de uso urbano.

Os muçulmanos importavam escravos da Europa Central - hoje Alemanha, Áustria, Hungria, Tchecoslováquia, Polônia, Bélgica e parte da França - e pequena quantidade de negros do Sudão.

A partir do século XIII aumenta o tráfico de negros do Sudão, quando os navios das cidades italianas passaram a freqüentar os portos do norte da África. O tráfico de negros já há longo tempo era praticado pelos árabes marroquinos, mas para fornecimento do mundo árabe.

Nos séculos XIII e XIV o tráfico de escravos aumenta bastante quando Portugal e Espanha iniciam um novo capítulo de enormes proporções na história da escravidão. Portugal e Espanha, depois de reconquistarem seu território, escravizaram primeiramente os muçulmanos vencidos. Em seguida partiram para a exploração do litoral africano, e retiraram das mãos muçulmanas o tráfico negreiro. O tráfico passou para as mãos européias e a partir de 1444 os portugueses adquiriam diretamente escravos negros do Sudão.

ESCRAVIDÃO NEGRA - A descoberta das Antilhas e das Américas do Norte e do Sul causou um novo surto de escravidão. Os colonos usavam os índios. Mas os índios dificultavam o domínio através de rebeldia no trabalho, revolta e fuga, além de não resistirem às doenças européias. Em 1517 a ilha de São Domingos recebia os primeiros negros escravos. Começou então a "importação" de milhares de negros, primeiro para as Antilhas - hoje Cuba, Haiti, Jamaica, São Domingos, República Dominicana, Granada - e depois para o continente americano. Na América, negros e índios coexistiam como escravos. Porém em pouco tempo os europeus provocaram a extinção da população indígena das Caraíbas - hoje Barbados, Martinica, Guadalupe, Trinidad e parte das Guianas.

O "ASIENTO" - A palavra "ASIENTO", que antes significava contrato entre o rei e uma pessoa ou grupo de pessoas (COMPANHIA) para concessão de privilégios: monopólios comerciais, isenções fiscais, etc., passou a ser usada para designar exclusivamente MONOPÓLIO DE TRÁFICO DE ESCRAVOS NEGROS. Por volta de 1550 a cidade de Sevilha era um grande mercado deste tipo de "licença". A partir de 1595 (e até 1640) os mercadores portugueses fecharam muitos asientos com o rei de Espanha. Isto deu predomínio português ao tráfico. Depois, até pouco antes de 1700, são holandeses os controladores do tráfico - via asientos ou contrabando. O contrabando era o tráfico sem asiento. De 1694 a 1701 novamente uma Companhia portuguesa possuía o asiento, apoiada pelo governo português. Em 1701 uma companhia francesa adquiriu de Felipe V uma dessas licenças, mas o contrabando inglês e holandês fez essa companhia fracassar.

O controle do asiento foi uma das causas da guerra da Sucessão de Espanha. Em 1713, quando na paz, este controle foi passado à Inglaterra, que o manteve até 1759. A história do asiento termina em 1817 quando a Espanha adere ao tratado de abolição do tráfico negreiro. O contrabando, que existiu em grande escala durante os asientos, persiste após a abolição do tráfico.

A ESCRAVIDÃO E A ÁFRICA - O enorme crescimento da escravidão nas Antilhas e depois nas Américas deve-se ao crescimento da economia açucareira que exigia muita mão-de-obra. Isto fez os brancos voltar-se contra a África no maior seqüestro de uma raça que a história já registrou. O tráfico drenou todos os RECURSOS HUMANOS do continente africano, atrasando até hoje seu desenvolvimento econômico.

Convém ressaltar que a escravidão já existia em um grande número de sociedades negro-africanas. As fontes de escravos eram a guerra, o castigo por crimes, a venda de si próprio devido à miséria, a venda de crianças em épocas de fome, e a hereditariedade. Igual ao que havia ocorrido na antiguidade entre europeus e povos do Oriente.

Os árabes muçulmanos traficavam negros para o Egito e África do Norte, via Saara, muito antes da chegada do europeu. Portugal, após vencer os muçulmanos passou a se abastecer de alguns negros do litoral. Depois, os plantadores de São Tomé - pequena ilha próxima ao Gabão - passam a abastecer-se de negros do Congo. Pouco depois Espanha, Inglaterra, França, Holanda, Dinamarca passaram a fornecer negros para as plantações americanas. O interior da África e a sua parte Nordeste estariam ao abrigo do tráfico, não fosse o surto árabe de tráfico no século XIX. Ao norte do Sudão o tráfico era feito pelo árabe desde a Idade Média, sem interrupção.

Pouco antes de 1600, partiam para o Brasil, cerca de 3500 escravos por ano provenientes de Luanda, mais cerca de 1700 anuais do Congo. O aumento das plantações das Antilhas, por volta de 1685, traz mais de 5000 escravos por ano. Em 1700 mais de 10.000. Com o aumento da procura por produtos tropicais na Europa, mais escravos são necessários nas Américas. Entre 1750 e 1790, principalmente entre 1781 e 1790, o tráfico atinge 82.000 escravos por ano!!! O equivalente a uma pequena cidade brasileira por ano! Destes 35.000 por ingleses, 24.000 por franceses, 18.000 por portugueses, 4000 por holandeses e 1000 por dinamarqueses.

As principais regiões fornecedoras eram: Senegal, Costa do Ouro, Costa dos Grãos, Costa do Marfim, Benim, Calabares, Camarões, Gabão, Angola, Congo, Loango, Luanda, Benguela e Moçambique (leste).

Surgiu na África todo um sistema mercantil; europeus e mestiços operavam no litoral como intermediários. **PORÉM, O TRÁFICO PERMANECIA INTEIRAMENTE NAS MÃOS DE TRAFICANTES NEGROS, REIS, MINISTROS E CHEFES DE CLÃS. OS DO LITORAL COMERCIAVAM COM OS EUROPEUS, RECEBENDO DO INTERIOR PRISIONEIRO DE GUERRAS, QUE ELES PRÓPRIOS PROMOVIAM, OU DE OUTRAS PROCEDÊNCIAS.** As companhias mantinham, em certas regiões, fortes e feitorias, onde os escravos, comprados dos traficantes locais, esperavam a chegada dos navios. Na travessia, devido às más condições, morriam cerca de 30% de negros. Mais tarde com embarcações maiores e mais velozes morriam menos, cerca de 15 a 20%.

DE ONDE VEM O LUCRO - O tráfico fazia parte de um triângulo comercial. Da Europa saíam navios carregados de licores, armas de fogo, tecidos de algodão e bugigangas. Essas mercadorias eram trocadas por escravos nas numerosas feitorias do litoral africano. Na América eram vendidos diretamente aos interessados, ou aguardavam em armazéns. De regresso, ao fechar o triângulo, os europeus carregavam produtos coloniais. Essa era a parte mais lucrativa, pois os produtos coloniais tinham muita procura na Europa. Os negros eram pouco importantes neste esquema de troca, mas indispensáveis para a produção de mercadorias coloniais. Os enormes lucros eram transportados em ouro ou letras de câmbio.

CONSEQUÊNCIAS NO CONTINENTE AFRICANO - O tráfico drenou o sangue africano. As guerras que ele estimulava completaram o quadro de devastação. O tráfico negreiro esteve na raiz da decadência de grandes impérios, como Benim e Congo. As armas de fogo favorecendo pequenos feudos africanos do litoral, e a intromissão dos brancos na política

africana, aniquilaram estes reinos. Outros, reforçados pelas armas de fogo, adquiriram novo poderio, mas somente para traficar. Caso dos reinos de Daomé e Achanti.

FACILIDADES ENCONTRADAS PELOS EUROPEUS - Na Ásia os brancos encontraram estados fortes e unificados. Na África Ocidental- em frente ao Brasil - os grandes impérios haviam entrado em decadência. A extrema fragmentação política dos Estados africanos deixou-os fracos para impedirem as guerras tribais.

Os numerosos dialetos, úteis para confundir o inimigo da tribo vizinha, passaram a ser um fator de desunião perante o inimigo branco comum. Mas fundamentalmente o fator decisivo foi a arma de fogo que garantiu ao branco a imposição de sua vontade e poder. A influência das armas será descrita mais tarde.

A ESCRAVIDÃO NO BRASIL - Depois do declínio da escravidão na Europa, aumentou a caça ao escravo, devido às necessidades de exploração agrícola das novas colônias americanas. A escravidão recomeçou com Dom Henrique, que se enriqueceu à medida que desceu o litoral saariano aprisionando escravos.

Entre 1441 a 1448, desembarcaram em Lisboa cerca de 2000 escravos provenientes da costa do Saara e da Guiné. Nos primeiros anos de 1500 dez por cento da população de Lisboa eram escravos: para lavar roupa, remover lixo e descarregar navios. Era o modelo do que seria o Brasil alguns anos mais tarde.

Até 1530 o português manteve relações com os índios sem dominá-los. Mas ao perceber que o índio dificultava a posse da terra, iniciou-se o confronto. Roubada a terra, era agora necessário plantá-la. Iniciou-se a escravidão do índio.

As guerras entre índios, a exemplo do que ocorrera na África, forneceram os primeiros escravos. Mais tarde, sentindo-se fortalecidos no território, os portugueses passaram a caçar índios. São Vicente tomou-se o mais ativo empório de escravos índios. São Paulo, Santos, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco passaram a ser pontos de revenda.

A ESCRAVIDÃO AFRICANA - A mão-de-obra africana, já testada em Lisboa a partir de 1441, se ajustou melhor à agricultura e ao trabalho contínuo. E não sofreu objeções por parte dos padres.

Desde 1539, quando alguns negros foram comprados em São Vicente, os colonos insistiam para que o rei liberasse a tráfico negreiro ao Brasil.

Em 1559, com o crescimento da indústria do açúcar, o rei decide permitir a entrada de escravos negros no Brasil. Até 1850 o tráfico flui livremente, até que a Inglaterra, outrora a maior traficante, obriga sua interrupção.

A distribuição de escravos, no interior do país, era feita por varejistas abastecidos pelos "negreiros" das cidades. A venda, em geral, se fazia a prazo, mediante a garantia da safra ou a hipoteca da propriedade. Nesse financiamento intervinham os comissários, mais tarde substituídos pelas casas bancárias.

A ABOLIÇÃO DO TRÁFICO - A escravatura, embora importante internamente, não era compatível com as concepções internacionais do trabalho. A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL se expandia, no mundo, completamente desvinculada do escravismo. Interesses econômicos mesclados com razões humanitárias e religiosas uniram-se contra a exploração escravista. O comércio inglês, senhor da metade do comércio do mundo, sentiu-se superior aos interesses dos setores escravocratas. De outro lado, interessado em penetrar na África introduzindo manufaturados e retirando matérias-primas, sentiu que deveria destruir o tráfico negreiro.

Através de intimidação e suborno forçou os países a fazerem leis contra o tráfico. Portugal viu-se em 1839 ante o dilema da guerra com a Inglaterra caso não interrompesse o tráfico.

Desprotegidos da bandeira portuguesa, os traficantes usavam as embarcações do Brasil, que já havia declarado a independência. O governo inglês, diante das violações, invadia o mar territorial e portos brasileiros em busca de traficantes. Impotente para se fazer respeitar pela força, o governo brasileiro foi obrigado a proibir o tráfico.

ABOLIÇÃO - Em 1861, setores da indústria afirmavam ser incompatível o desenvolvimento industrial com a escravidão. A igreja católica só se manifestou a favor da abolição quando a percebe inevitável. Isto em 1887. Dois fatos abalaram o sistema escravocrata: (1) a decadência da cana-de-açúcar enfraqueceu a grande propriedade do norte; (2) a mão-de-obra livre do sul era mais eficiente e mais barata de acordo com critérios de investimento e produtividade. Joaquim Nabuco mostrou que o fazendeiro empobrecido era um mero empregado que o banqueiro financiador de escravos mantinha no interior. Mostrou que os antigos agricultores do norte estavam empobrecidos e transformando-se em funcionários públicos. Num dado momento, os escravos começaram a fugir das fazendas e o exército se recusava a persegui-los. Finalmente em 1888 declara-se extinta a escravidão.

O PODER DAS ARMAS

A história da escravidão está ligada diretamente aos seguintes fatores: (1) mentalidade imperialista e expansionista baseada na força; (2) coesão nacional dos povos; e (3) ao desenvolvimento tecnológico dos armamentos.

MENTALIDADE IMPERIALISTA - Na antiguidade a expansão de um país era feita através da invasão das terras de outros povos. A ciência e a tecnologia que hoje criam fortunas fabulosas, inexistiam naquela época. Os povos ampliavam seu espaço geográfico invadindo terra alheia - sempre através da guerra. O vencedor - baseado no poder das armas - escolhia entre exterminar os derrotados ou utilizá-los como escravos para trabalhar em benefício do bem-estar de seu povo. Se houvesse recusa ou tentativa de rebelião caberia a aplicação da primeira alternativa de guerra: extermínio.

Atualmente o direito internacional, as Nações Unidas e as assembléias internacionais condenam veementemente este tipo de enriquecimento e bem-estar imperialista, embora exemplos recentes como o Vietnã, o Afeganistão, a Palestina e a África do Sul ainda desafiem os novos direitos do homem.

COESÃO NACIONAL - Povos desunidos sempre foram vítimas fáceis do desejo de expansão e riqueza que moviam as nações conquistadoras. Os historiadores das guerras enfatizam que os generais competentes sempre souberam utilizar as discórdias internas ao povo adversário para desestabilizá-los e causar-lhes dificuldades de resistência. Neste particular destaca-se a guerra psicológica. Este tipo de ação de guerra será abordado mais tarde.

DESENVOLVIMENTO DOS ARMAMENTOS - É impossível negar o papel desempenhado pelas ARMAS para destruir até a mais feroz resistência inimiga. Quando uma arma representa novidade tecnológica exclusiva de um povo, então ocorre uma mudança na história da humanidade com reflexos em todo o planeta e por longo tempo. O exemplo mais recente é o da bomba atômica ao pulverizar duas cidades do Japão. Perante o terror da destruição maciça, até mesmo os kamikazes - temíveis guerreiros suicidas - não tiveram outra escolha senão render-se aos americanos. Os efeitos políticos destas explosões são sentidos até hoje nas ações das superpotências nucleares.

Justifica-se, portanto, um breve estudo do papel que as armas desempenharam na escravização.

HISTÓRIA DAS ARMAS - A história das armas está ligada ao esforço do homem em aumentar o comprimento e a potência do seu próprio braço. As armas foram inventadas quando o homem primitivo aprendeu a arremessar pedras ou a manejar um lenho com vistas a aumentar a força de golpear de suas próprias mãos. O lenho, com a ponta endurecida ao fogo, constituiu a primeira lança, aperfeiçoada com a adaptação da pedra à sua ponta. Essa associação deu início a uma série de armas - chuços, azagaias, punhais, dardos. A evolução tecnológica substituiu a pedra pelo osso e posteriormente, pelo metal. A funda, arma da vitória de Davi sobre o gigante Golias, foi usada pela primeira vez pelos fenícios das ilhas Baleares. A invenção do arco verificou-se logo em seguida a da funda. O arco, a mais eficiente arma de guerra até a invenção do fuzil, constituiu um dos principais marcos da evolução do armamento.

O exército romano, até o século III depois de Cristo, fez uso de todas as armas conhecidas. Usou intensivamente as armas de cerco e demolição, para as quais certamente manteve a seu serviço mão-de-obra especializada na construção de material bélico. Já naquela época as armas dividiam-se em: armas manuais e máquinas de guerra. As manuais, à medida que eram aperfeiçoadas, foram associadas a cavalos, elefantes e carros de combate - como as bigas. Os muros das cidades e fortificações exigiam engenhos mais poderosos - as máquinas de guerra. A Assíria - hoje Síria - foi a primeira a utilizá-las. Mas foram os gregos e os romanos que as aperfeiçoaram, aumentando-lhes o poder ofensivo. Surgiu então uma gama de engenhos de demolição e de abordagem das altas e grossas muralhas das fortificações. No século III antes de Cristo as máquinas de guerra atingiram seu ponto máximo. Havia máquinas para atirar flechas, pedras e materiais inflamados. As máquinas passaram a ser empregadas também em batalhas. Em Alésia, as balistas de César dominaram os assaltos das massas Gaulesas e em Avaricum os engenhos de tiro rápido causaram grande efeito disparando pedras e flechas. **No mundo antigo, as armas garantiram mão-de-obra escrava aos gregos, depois aos assírios e finalmente aos romanos.**

Roma associava perfeitamente sua **SUPREMACIA MILITAR COM A DESARTICULAÇÃO DE SEUS ADVERSÁRIOS** afim de não desgastar seus exércitos. Basta estudar as táticas utilizadas para enfraquecer Cartago e depois destruí-la, para poder compreender o papel da astúcia romana. Para evitar apoio Sírio a Cartago, Roma tratou de fomentar a rebelião judia dentro da Síria, neutralizando-a. Instigou uma guerra desgastante dos Núbios contra Cartago, enfraquecendo-a. Em troca da **Paz Romana** exigiu que todos os filhos dos nobres de Cartago fossem residir em Roma como reféns. Em seguida exigiu a total deposição das armas, matando todos os elefantes de guerra de Cartago.

Só depois de cumpridas todas estas exigências é que Roma anunciou que Cartago devia ser evacuada, pois sua destruição havia sido decretada. Isto sem dúvida poupou bastante o esforço de guerra dos soldados romanos. A desarticulação interna combinada com a superioridade do armamento romano transformou muitos povos da antiguidade em escravos de Roma. Tendo sido a guerra uma das principais fontes de escravos, é fácil perceber que a superioridade militar e a astúcia em desagregar um povo adversário garantiram mão-de-obra gratuita às potências militares da Antiguidade.

A PÓLVORA E AS ARMAS DE FOGO --A pólvora deu ao homem uma fonte de energia milhares de vezes superior à sua força muscular. A China conhecia a pólvora muito antes dos europeus. Um certo Wu Ching Tsung Tao descreveu sua fórmula num livro. Tal conhecimento revolucionou o mundo. A pólvora, assim como outras invenções chinesas - como a bússola, passou da China para a Europa através dos árabes - que traficavam negros muito antes dos europeus. O primeiro artefato bélico consistia de uma panela de ferro carregada com pólvora e pedras - uma granada primitiva.

Os primeiros canhões eram peças de madeira reforçadas por fios ou cintas de ferro. Depois passaram a ser de metal trabalhado e, mais tarde em 1378, na Alemanha, de metal fundido. Eram peças pesadas e por isso utilizadas apenas em fortificações ou em operações de cerco. Os canhões marcaram definitivamente a história da humanidade em 1453 na batalha em Constantinopla, quando os turcos destruíram as pretensões do Império Bizantino.

A arma manual teve um desenvolvimento à parte dos canhões. A espingarda - conhecida como canhão de mão - foi usada em 1446 sendo de construção extremamente rudimentar. Consistia de um tubo de ferro onde eram introduzidos a pólvora e os fragmentos a serem atirados - inicialmente pedras, depois metal. O disparo era feito ateando-se fogo à pólvora através de um orifício do tubo. O aperfeiçoamento consistiu na instalação de uma mecha cuja finalidade era conduzir o fogo à pólvora. Logo após os alemães inventaram o arcabuz - um cano de ferro montado numa coronha - ainda com mecha de fogo - mas acionada por gatilho. Em seguida, os alemães de Nuremberg inventaram um dispositivo semelhante ao isqueiro. Acionado por um gatilho, este dispositivo incendiava a pólvora por meio de faíscas.

A guerra dos Trinta Anos - 1618 a 1648 - trouxe modificações ao armamento e às munições. Gustav Adolfo da Suécia introduziu a munição pré-confeccionada para mosquetes e canhões. Os aperfeiçoamentos dos

armamentos continuaram nos séculos seguintes, mas, basicamente, foram as armas descritas até aqui as responsáveis pela supremacia militar do europeu sobre o africano e os índios das Américas.

A INDÚSTRIA BÉLICA E A ARTILHARIA - De 1400 a 1500, as bombardas - canhões grandes - foram manufaturados em vários países europeus. Mas eram canhões pesados e impossíveis de serem utilizados em guerra de campo. Iniciou-se então a produção de canhões móveis na França de Charles VIII, na Itália pelo "condotiere" Bartolomeu Colleoni.

Na Inglaterra, Henry VIII interessou-se pessoalmente pelos canhões, mas a falta de indústria bélica dentro da Inglaterra forçou-o a confiar em produtos estrangeiros. Adquiriu cerca de 150 canhões de vários calibres, incluindo o celebrado canhão pesado chamado "DOZE APÓSTOLOS". Em 1515 importou armeiros estrangeiros e fundou escolas para profissionalizar os ingleses na confecção de armas. Em 1603 Birmingham iniciara a produção de canhões. Em 1637 Londres obteve permissão para tomar-se uma Incorporação de fabricantes de canhões.

Porém o mais importante desenvolvimento do século XVI foi o começo, na Itália, da ciência Balística, que deu exatidão científica ao tiro de canhão.

A guerra de cerco e operações em montanhas exigiam um tiro de trajetória curva e bastante alta. Surgiram então os morteiros, úteis também para atirar bombas dentro de fortificações, castelos e atrás de pequenos morros onde o inimigo se escondia.

Em 1742, na Inglaterra, Benjamin Robins causou grande progresso quando publicou seu livro "OS NOVOS PRINCÍPIOS DOS CANHÕES". Este trabalho derrubou muitas teorias e métodos falaciosos, trazendo ciência ao campo do canhoneio prático. Robins inventou o pêndulo balístico, o qual permite calcular com precisão a velocidade das balas de canhão em qualquer estágio de seu voo.

A guerra dos Sete Anos na Europa - 1756 a 1763 - encontrou a Prússia e a Áustria fazendo experiências com o peso e as medidas das munições com vistas a aperfeiçoar a uniformidade dos vãos das bombas.

A combinação destes conhecimentos permitiu a invenção, na Inglaterra, do projétil antipessoal que explode antes de chegar ao chão espalhando uma enorme quantidade de fragmentos metálicos sobre o inimigo. Este tipo de projétil foi utilizado até a I Guerra Mundial.

A MARINHA - A indústria naval do mundo antigo - Egito, Grécia, Assíria e Roma - perdeu importância após a transformação do Império Romano

em baronatos feudais. Após um longo período de dormência, reiniciou seu desenvolvimento em Veneza. Por volta do ano de 1250 Veneza possuía uma excelente indústria de construção naval através da qual mandava navios para todo o mundo conhecido da época - Damasco, Constantinopla, ao longo da costa africana, às ilhas conhecidas do Atlântico, e aos principais portos do norte da Europa. Anos mais tarde a tecnologia da indústria naval passou para o resto da Europa - sobretudo a Inglaterra. A indústria naval inglesa dava à Inglaterra embarcações que lhe permitiam navegar aos quatro cantos do mundo, tal qual Portugal, Espanha, França, Holanda, Dinamarca e alguns outros. Não tardou para que o canhão e o navio se associassem, dando como resultado a marinha de guerra, capaz de defender, pela força, os interesses de seus países em qualquer parte do mundo.

ARMAS DE FOGO E A ÁFRICA NEGRA - O árabe introduziu a arma de fogo na Europa mas não conseguiu acompanhar seu sucessivo aperfeiçoamento. Portugal e Espanha reconquistaram seus territórios e escravizaram os árabes vencidos. A partir de 1444, Portugal retira das mãos árabes o tráfico negreiro e passa a abastecer-se de negros. O canhão e o arcabuz desempenharam papel fundamental ao tombar negros que enfrentavam o europeu com armas primitivas. Criaturas espantadas tombaram ensangüentadas perante aquela arma estranha que cuspiu fogo e emitia um ruído ensurdecedor. A arma de fogo, tal como a bomba atômica, foi um invento revolucionário que mudou a história da humanidade. Sem ela o europeu não teria escravizado os povos africanos, dominado os asiáticos nem tampouco teria exterminado os índios das Américas. O domínio da raça branca sobre as outras raças é semelhante ao domínio que Roma exerceu na antiguidade - **BASEADO NAS ARMAS E NA ASTÚCIA EM TIRAR PROVEITO DA DESUNIÃO DE OUTROS POVOS.**

EVOLUÇÃO DAS ARMAS DE FOGO E O TRÁFICO NEGREIRO – As armas foram sendo aperfeiçoadas em países diferentes. É interessante notar que tais aperfeiçoamentos refletiram diretamente tanto na manutenção da escravidão, como na sua extinção.

O controle do tráfico negreiro causou conflito entre os povos europeus. Este controle esteve nas mãos daqueles que podiam impor seus interesses através da força armada - e a arma de fogo desempenhou seu papel também entre europeus.

A introdução da arma de fogo e seu desenvolvimento ocorreram primeiramente nos países do continente europeu. A Inglaterra, situada numa ilha próxima ao continente, desde cedo percebeu o papel da nova arma e

tratou de assimilar a nova tecnologia que estava em mãos dos países continentais, entre eles a Espanha - primeiro país a controlar as **LICENÇAS** para traficar negros. Assim um aperfeiçoamento inventado em Nuremberg em 1517 e usado no cerco de Parma em 1521 já estava em mãos Inglesas em 1530. O mosquete construído pelos espanhóis em 1540 em pouco tempo estava na Inglaterra e logo depois em toda a Europa. A velocidade de assimilação inglesa está ligada ao esforço que fez Henry VIII para implantar, em 1515, escolas de confecção de armas, com o auxílio de armeiros estrangeiros importados para dotar a Inglaterra de uma indústria de armas. Esse esforço inglês deu o controle do mundo à Inglaterra durante séculos. A França e Holanda seguiam de perto os passos dos ingleses. Vale lembrar que estes países tomaram parte ativa no tráfico negroiro.

Vários foram os aperfeiçoamentos introduzidos nos armamentos pela indústria bélica inglesa ou assimilados rapidamente assim que surgiam em outros países. Desta forma a Inglaterra foi se distanciando tecnologicamente dos outros. As armas deram-lhe capacidade para praticar um tráfico negroiro muito mais intenso que o praticado por todos os outros juntos.

Enquanto na Europa havia uma verdadeira **CORRIDA TECNOLÓGICA PARA DESENVOLVER ARMAS MAIS PODEROSAS E UMA MARINHA DE GUERRA** capaz de transportar tropas de intervenção militar para qualquer país do mundo a fim de defender os interesses europeus, a África partia-se em reinos rivais.

Todo o desenvolvimento das armas e das embarcações foi completamente ignorado pelas nações africanas. Um erro fatal dos dirigentes africanos que deste modo condenaram todo um continente à escravidão e ao subdesenvolvimento que perdura até hoje.

Os conflitos tribais resultantes da fragmentação dos antigos grandes reinos, enfraqueceram a capacidade de resistência do africano. Enquanto para o europeu qualquer africano era simplesmente um negro, os africanos consideravam-se tribo A, B ou C e guerreavam entre si ignorando que a desunião e o conflito os condenariam à escravidão durante séculos. Unidos, poderiam ter enfrentado o inimigo empregando táticas de guerrilha capazes de neutralizar a superioridade do armamento europeu. Poderiam ser derrotados num ou outro país africano, mas a aventura européia na África poderia ter se transformado num pesadelo, como ocorreu recentemente com os americanos no Vietnã e com os russos no Afeganistão. Hoje a história dos negros poderia ser muito diferente. Os europeus já haviam superado o feudalismo em alguns pontos da Europa e começavam a se comportar como nações unificadas. Isto deu ao conflito Europa versus África a conotação de país versus tribo. Um capaz de transportar tropas armadas com trabucos e canhões para qualquer ponto

do mundo, e outro equipado com obsoletas lanças, facas e arcos. O resultado não poderia ser outro senão este: os derrotados da África foram transformados em escravos nas Américas.

ASCENSÃO DO CAPITALISMO E DECLÍNIO DA ESCRAVIDÃO - O aprofundamento do sentimento religioso em alguns meios protestantes da Inglaterra, a expansão da filosofia iluminista e do racionalismo na França fazem surgir a partir do século XVII algumas reações contra a escravidão negra.

Porém foram as razões econômicas as causas mais fortes que determinaram o fim do tráfico e posteriormente da escravidão. Com o início da revolução industrial, a Inglaterra compreendeu que a escravidão impossibilitava a abertura do comércio mundial e conseqüentemente impediria o desenvolvimento industrial. Era preciso substituir a escravidão pelo regime de trabalho assalariado.

A Inglaterra havia feito notáveis progressos no desenvolvimento de bombas incendiárias e bombas de efeito granada - que explodiam um pouco acima das cabeças dos inimigos - todas atiradas por canhões. A pontaria era excelente, graças a outro invento inglês: o pêndulo balístico. Os mosquetes e suas munições haviam se desenvolvido bastante em solo inglês. Sua marinha era poderosa e bem armada. A Inglaterra sentiu que poderia impor sua vontade sobre os outros países da Europa.

Portugal, todo poderoso perante negros africanos e índios brasileiros, tremeu quando os ingleses mandaram-no decidir-se entre o término do tráfico ou a guerra. Preferiu parar o tráfico. Sucessivamente os países foram **"ADERINDO"** à vontade inglesa. O Brasil, que havia declarado a independência, quis insistir, mas, sentindo que sua força era insuficiente para enfrentar os ingleses, **"OPTOU"** por extinguir o tráfico. Cessado o tráfico, iniciaram-se as pressões internas e internacionais para abolir a escravidão.

INFLUÊNCIA DAS ARMAS NO BRASIL - Ao desembarcar no Brasil, os portugueses estavam prontos para repetir a experiência obtida na escravização de muçulmanos e negros praticada em Lisboa desde 1444. Possuíam uma marinha eficiente que lhes dava mobilidade continental e armamento superior ao do indígena.

Tribalizados, falando línguas diferentes entre si, inimigos às vezes, os índios não souberam usar seus conhecimentos de floresta para - via guerrilha - enfrentar o invasor branco. Perderam as terras, foram escravizados e dizimados, resultando na situação atual.

A resistência negra iniciou-se muito mais tarde, pois o português ao

agrupar negros de línguas diferentes impediu a conspiração. À medida que os negros foram aprendendo a língua brasileira começaram a conspirar e resistir. Iniciaram-se as fugas e a formação dos quilombos. A resistência negra aproxima-se muito da moderna guerrilha. A guerrilha neutraliza a superioridade de armamento do inimigo, pois tira proveito das matas e montanhas para dificultar o acesso de tropas organizadas. Dificulta a utilização de canhões e armas de demolição. Cria esconderijos de difícil localização, de onde partem para ataques surpresa do tipo matar e fugir. Esta forma de combate foi muito bem utilizada pelo negro.

Porém a formação dos grandes quilombos fez o negro fixar-se num local. Isto permitiu a organização de ataques de cerco nos quais se podem utilizar tropas e armas de demolição - bombas e canhões - armas bem conhecidas dos europeus. Assim ocorreu com Palmares quando Domingos Jorge Velho - experimentado matador de negros e índios - foi convocado para combater Zumbi. Foram convocados cerca de 7000 combatentes para cercar e arrasar Palmares. Foram utilizadas técnicas de cerco e demolição com o emprego do canhão. Toda esta movimentação de tropas e armas - inclusive o canhão - não foi detectada pelos informantes de Zumbi em tempo de evitar um combate frontal e mortal para o povo de Palmares. Aliás as INFORMAÇÕES sempre faltaram aos povos que enfrentaram o europeu. O índio e o africano nunca souberam o que se passava fora de seus territórios. Razão do desconhecimento dos progressos da indústria bélica e naval dos europeus.

A indústria bélica brasileira, iniciada em 1762 com o nome de Casa do Trem - hoje Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro - apenas **REPARAVA E ARMAZENAVA** o material de guerra usado nas lutas do sul. Em 1808, quando Dom João veio refugiar-se no Rio de Janeiro fugindo dos franceses, fundou-se a primeira fábrica de pólvora no Brasil. Em 1810, Dom João mandou vir de Lisboa uma companhia de armeiros alemães para transformar a Casa das Armas, criada em 1765, em fábrica de armas. Em 1824 criou-se, no Rio de Janeiro, o primeiro laboratório para experimentar explosivos. Em 1852 - ainda no Rio de Janeiro - criou-se outro laboratório de explosivos para serem usados na guerra contra Rosas no sul do Brasil.

Antes da indústria bélica brasileira, os armamentos eram importados da Europa. As armas eram itens rigidamente controlados para que não caíssem em mãos de índios e negros.

Deste modo, as armas usadas para resistir ao europeu eram armas brancas - facas, lanças, arco, etc. - e armas de fogo obtidas de combatentes mortos. Não há registro de armas de fogo confeccionadas por índios ou negros brasileiros. Também não há registro de que o canhão

tenha sido utilizado - num momento sequer - por índio ou negro. Esta limitação de poder bélico impedia que os guerreiros negros e índios ousassem partir para um ataque maciço sobre os povoados brancos, menos ainda sobre as capitais de província. Ora, impedidos de fazer guerras de expansão, restava-lhes apenas tentar fortificar suas aldeias para resistir aos ataques que haveriam de vir - cedo ou tarde. Ataques que contavam com a participação de colonos recrutados em todas as províncias como também com armamento pesado - canhões - importados da Europa. Desta forma vitórias sobre os brancos apenas instigavam ataques posteriores cada vez mais cruéis e devastadores.

A indústria bélica passou a funcionar no Brasil para suprir as guerras do Sul - de brancos contra brancos. Embora houvesse negros na luta, não houve possibilidade da formação de comandantes negros, pois a experiência do Haiti aterrorizava os brancos, provocando uma vigilância mais atenta sobre os negros, retirando-lhes qualquer possibilidade de organização militar. No Haiti os negros tomaram a ilha e mataram todos os brancos franceses que encontraram pela frente. Formou-se no Brasil um exército branco com treinamento militar europeu, enquanto negros e índios eram mantidos afastados das técnicas militares bem como dos armamentos pesados. Visto assim, o resultado não poderia ser outro para os que tentaram lutar contra a dominação branca, senão a derrota e a manutenção da estrutura de exploração escravocrata.

UM AMBIENTE HOSTIL

Um observador atento percebe, sem o menor esforço, que em qualquer cidade brasileira existe sempre um bairro nobre e ao seu redor vários bairros pobres. O bairro nobre, sempre na melhor área, com a melhor infraestrutura, próximo dos melhores hospitais, escolas, comércio, bancos, escritórios e, sobretudo, com uma eficiente e sempre presente proteção policial. Os bairros pobres, sempre na periferia, em terrenos difíceis de construir por serem acidentados, carentes de todo tipo de infraestrutura, longe dos melhores hospitais e das escolas de nível superior, com um comércio apenas de subsistência e, portanto, sem nenhum interesse para os bancos. A opinião geral dos moradores do bairro nobre é que nos bairros pobres se encontram os piores e mais perigosos criminosos. Porém, por ilógico que seja, é nestes bairros que a polícia dificilmente se faz presente.

O observador também irá notar que no bairro nobre NÃO moram negros e seus mestiços. Os que ali se encontram ou estão de passagem ou a serviço. Se não quiser se dar ao trabalho de ir a todos os bairros de periferia, porque eles são numerosos e estão em todos os lados da cidade, basta, no final da tarde de um dia de trabalho, observar o embarque de passageiros rumo aos bairros. Quanto mais distante for o bairro, maior o número de negros e seus mestiços. Mestiços teremos de todas as tonalidades, do mais escuro ao mais claro. Mas em maior quantidade os mais claros. Os negros teremos em menor quantidade. Isto porque os escritórios, os bancos e empresas prestadoras de serviço não os querem como empregados. Exceto em serviços gerais. Basta olhar com um pouco de atenção para se chegar a esta conclusão. Este observador concluirá com facilidade que existe uma divisão racial EM TODAS as cidades do Brasil: brancos nos bairros nobres, negros e seus mestiços em bairros pobres. É claro que irá notar brancos nos bairros pobres, mas perceberá com facilidade que são brancos desqualificados profissionalmente. Com uma rápida indagação descobrirá que a maioria não possui, além do nível ginásial. Quando tiverem colegial, dificilmente será um colegial técnico. Raramente terão nível universitário. Se tiverem será algum curso da área de humanas: pedagogia, letras, história, geografia, etc. Cursos sem nenhuma ligação com ciência e tecnologia. Perceberá com facilidade que são um tipo diferente de branco. Até mesmo fisicamente diferem dos brancos do bairro nobre. São migrantes vindos de estados subdesenvolvidos, de pequenas cidades interioranas, ou ainda das fazendas. Todos fugindo da fome e da falta de emprego. Sua fisionomia é diferente dos descendentes de imigrantes europeus. São mais rústicos. Seu modo de vestir é deselegante. Suas maneiras são mais grosseiras. Mesmo que estejam misturados aos brancos do bairro nobre, não conseguem enganar a um observador mais atento. Porém, mesmo estes brancos pobres, terão melhor sorte que a maioria dos negros e mestiços,

seus parceiros de pobreza. Mais tarde veremos a razão disso.

Embora mais difícil de notar, também perceberá que os japoneses estão numa situação intermediária. Não estão de modo algum concentrados em bairros pobres, mas em bairros melhorados de classe média. Ainda nesses bairros a predominância é de brancos. Existe uma rala quantidade de mestiços e um número muito menor de negros.

Se este observador se inquietar com este fenômeno social e tentar descobrir a origem desta concentração de dinheiro, prestígio e poder em mãos brancas, irá se defrontar com o maior problema social deste país. Se resolver indagar aos brancos do bairro nobre o motivo desta diferença, perceberá que eles não gostam sequer de ouvir falar em negro. Para eles o negro e seus mestiços formam uma massa de pessoas embrutecidas, ignorantes e perigosas. Uma espécie de ameaça à sua segurança. Evitam o negro o quanto podem. E quando não podem procuram tratá-lo do modo frio e formal com o propósito de tirá-lo de sua presença o mais rápido possível. Se indagar aos negros do bairro pobre o que pensam desta concentração de poder em mãos brancas, descobrirá rapidamente que a maioria esmagadora não sabe o que pensar ou dizer sobre o assunto. Alguns, dependendo da mestiçagem, se sentirão ofendidos por serem lembrados de que são negros. Os brancos pobres tem opiniões variadas, sabem que o negro é rejeitado socialmente, mas atribuem a causa ora à pobreza ora à raça. Embora este tipo de gente represente um perigo ao negro, pois sua neutralidade facilmente se converte em antagonismo, suas opiniões tem pouco valor, porque seu poder é nulo.

Resumindo esta primeira abordagem geral, percebemos uma espécie de equilíbrio social esdrúxulo, como se fosse uma gangorra onde o negro precisa estar em baixo para que o branco permaneça em cima.

A ORIGEM DO EQUILÍBRIO

A NATUREZA HUMANA - Quem estuda a história da humanidade, descobre que independente de raça o homem é um ser em luta permanente contra os da sua espécie, visando obter para si e para o seu grupo um máximo de satisfação e poder. Vimos nos dois capítulos anteriores que a escravidão não se realizava sem luta, e que povos desorganizados socialmente e impotentes militarmente, serviam aos apetites conquistadores dos povos melhor equipados para a guerra.

O mundo evoluiu em seus padrões morais. A tecnologia dos transportes e as comunicações aproximaram as nações. Não se justifica mais a dominação guerreira, embora ainda exista a intervenção militar por parte de nações poderosas que a justificam quando sentem seus interesses estratégicos ameaçados.

A arena moderna do conflito humano está na economia. Mais precisamente num cenário chamado MERCADO. Neste cenário as ações de guerra ficaram reduzidas a dois grandes gestos: comprar e vender. Duas poderosas palavras mágicas.

Nisto reside o fundamento da vida moderna: comprar e vender mercadorias. Dentre elas uma mercadoria especial: o trabalho, cujo preço chama-se salário.

Porém, para se usufruir das vantagens deste mercado é preciso estar integrado a ele, ser aceito por ele. Só desta maneira se tem acesso ao seu cobiçado fruto: o dinheiro. Neste momento começam as complicações para o negro. O negro sofre de uma terrível e contínua rejeição por parte de outras raças que atuam no mercado. Esta rejeição é o principal obstáculo à plena integração do negro no mercado. Compreender esta rejeição e encontrar maneiras de enfrentá-la é de importância fundamental aos negros e seus mestiços que quiserem participar do conforto que a riqueza traz.

A NATUREZA DO NEGRO - Antes mesmo de iniciarmos o aprofundamento da questão da rejeição é conveniente fixarmos que o negro é regido pelos mesmos sentimentos que regem o resto da humanidade. Sente amor, ódio, pode ter compaixão, mas pode ser cruel. E, como todas as criaturas humanas, é sensível à rejeição. A rejeição tem como contrapartida o rancor e o ressentimento. Tal rancor pode ser canalizado para o bem ou para o mal. Se for canalizado para o mal, pode liberar ações destrutivas imprevisíveis. Se for canalizado para o bem, pode produzir uma forte determinação competitiva revanchista. Pode se transformar em COMBUSTÍVEL DE UMA PODEROSA MÁQUINA DE GUERRA COMPETITIVA destinada a neutralizar as dificuldades criadas pelo adversário.

UTILIZANDO O RACISMO COMO ESTÍMULO

"Uma das maiores façanhas da ciência foi a criação da vacina. A vacina nada mais é do que a transformação da própria doença em arma mortal contra ela mesma"

A façanha humana no planeta terra é marcada pela luta. Venceram os fortes no confronto contra os obstáculos criados por outros homens, e na luta para dominar a natureza. Essa tese do inglês ARNOLD TOYNBEE, comprovada pela história, derruba a teoria de que as civilizações nasceram quando o ambiente humano e geográfico favorecia o homem. Arnold Toynbee produziu as magníficas palavras:

"Só depois que Adão e Eva foram expulsos do Paraíso é que seus descendentes inventaram a agricultura e a metalurgia."

O homem, autor da civilização, venceu quando passou a usar os estímulos do meio como combustível para sua luta. Os estímulos nascem do próprio meio ambiente e manifestam-se de duas formas: estímulos do ambiente físico e do

ambiente humano. Entre os do ambiente físico estão as dificuldades criadas por uma natureza hostil: regiões áspers, climas desequilibrados, montanhas, enchentes de rios, etc. Entre os do ambiente humano estão: os revezes, as pressões e as inferiorizações. No tocante aos revezes, a história é cheia de exemplos da FORÇA DA SUPERAÇÃO GERADA PELO DESEJO DA DESFORRA: a derrota dos romanos pelos etruscos retemperou as vontades e, menos de meio século após a ocupação de Roma, esta já se lançava à ofensiva com novo ânimo e estendia toda sua autoridade sobre o mundo da Antiguidade. Os sentimentos revanchistas levaram a Alemanha e a França a se engalfinharem em lutas sangrentas desde 1870 até 1945.

As "pressões", igualmente, estimulam a ação do homem. Para citar exemplos: o temor às tribos da Núbia, vindas do sul, foi o fator catalisador das três fases mais progressistas do antigo império egípcio.

Quanto às "inferiorizações", temos o exemplo da Índia. Revoltado com o tratamento humilhante que os ingleses davam ao seu povo, GHANDI resolveu enfrentar e lutar contra a ocupação britânica. O mesmo ocorreu com os países africanos ocupados pelo europeu. Temos ainda hoje a África do Sul com uma viva ferida a sangrar, quando uma minoria branca, estranha ao continente, continua a gozar dos prazeres da riqueza, enquanto os reais donos da terra vivem na miséria. Entre nós brasileiros, a concentração racial da riqueza e a humilhação cotidiana imposta aos negros, também haverão de produzir justos sentimentos inconformistas.

Para o negro brasileiro o desafio vem do ambiente humano. REVEZES, PRESSÕES E INFERIORIZAÇÕES combinam-se para transformar sua existência numa humilhação dolorosa e repleta de privações materiais e morais.

Esta situação é um convite ao estudo do racismo branco, objetivando determinar os modos de enfrentá-lo.

A IMAGEM QUE O BRANCO TEM DO NEGRO - Desnecessário remexer no longínquo passado da escravidão para concluir que naquela época, na mentalidade do branco, o negro não passava de animal de carga. Após a abolição, abandonados à sua própria sorte, sem dinheiro, sem teto e sem preparo para viver em sociedade, o negro defrontou-se com a imigração européia. Assim como os americanos e japoneses carregam consigo, para qualquer lugar do mundo, a fama de serem os agentes naturais do capitalismo e da tecnologia moderna, os europeus daquela época eram precedidos pela sua fama de serem os agentes naturais do novo progresso industrial. Além disso, eram tidos como mais produtivos nos trabalhos rurais. Esse era o tipo de concorrência que uma massa recém-saída da senzala iria enfrentar. Era uma luta desigual.

Houve uma dupla substituição do negro: nas plantações e nas cidades. Sem ocupação no meio rural, os negros migraram para as cidades. Porém as cidades também receberam um enorme contingente de imigrantes, que ultrapassou, em alguns lugares, até mesmo a quantidade de brancos brasileiros. Além de serem mais numerosos que os negros vieram melhor preparados para o trabalho

industrial. Só para se ter uma idéia, na cidade de São Paulo, numa certa época, nos setores industriais os estrangeiros participavam em 82% das vagas. No comércio com 71%. Nas atividades de transporte 81%. Na manufatura com 79%. As vagas que sobravam eram ocupadas por brancos brasileiros. O negro foi expelido para atividades pouco importantes, marginais ao sistema. A preferência pelos imigrantes criou amargura e fortes ressentimentos contra a situação. Estes sentimentos inspiraram no negro um padrão de comportamento irracional que serviu para agravar a situação. Num momento em que os imigrantes davam tudo de si para firmar-se na pátria nova, aceitando todo tipo de trabalho, o negro repudiava certos tipos de trabalho que lhe trouxessem a lembrança da escravidão e da figura do capataz de fazenda. Tornava-se agressivo e indisciplinado perante a chefia ou o controle organizado, itens fundamentais na administração de uma empresa industrial moderna. Misturava períodos de trabalho regular com períodos de ociosidade. Não se sentia estimulado a competir com os colegas. Todas estas deficiências dificultavam a aceitação do negro como trabalhador na nova ordem industrial. Esta sua falta de preparo para o novo estilo de trabalho fez surgir interpretações que circularam no mercado de trabalho: "os negros fogem do trabalho". O branco brasileiro percebe que aquela era a sua chance, agarra-se à oportunidade e trabalha com vontade. Mais ainda o negro fica isolado em seu comportamento irracional. No meio rural, a mágoa dos fazendeiros por ter perdido sua mercadoria negra criou ódio e desprezo pelo negro. Alguns fazendeiros achavam que os negros tinham sido ingratos por abandoná-los. Ficaram rancorosos e passaram a agir com sede de represálias contra o negro. Os que tentaram permanecer na fazenda foram substituídos pelos imigrantes.

Começam aí, no meio rural e nas cidades, as primeiras raízes do desprezo e da raiva branca contra o negro.

As humilhações, os ressentimentos e os ódios acumulados pelos negros durante a escravidão e as decepções após a libertação destruíram o ânimo de negros e mestiços. Tudo contribuía para agravar as ansiedades e frustrações, as quais não foram inteligentemente canalizadas para uma raiva competitiva e construtiva que facilitaria a integração do negro à nova sociedade industrial. Juntamente com a desvalorizada mão-de-obra branca nacional, só achavam empregos cansativos, mal pagos e desabonadores. Porém, enquanto para o branco brasileiro esta era uma oportunidade esperada desde o tempo da escravidão, para o negro aquilo servia como uma nova humilhação. Sentia-se ferido em sua sensibilidade e seu senso moral. A longo prazo esta reação de desilusão social teve um efeito socialmente suicida. Excluídos das tendências do moderno capitalismo, o negro teve que ir para a periferia das grandes cidades onde a economia é praticamente de subsistência. Para o branco, porém esta falta de garra do negro é interpretada como falta de ambição de gente preta.

Merece destaque a colaboração branca para minar a vida social organizada do negro no tempo da escravidão. O escravo era tido como um

"inimigo doméstico" e um "inimigo público". Toda tentativa de união e solidariedade entre os escravos era combatida. Todo um refinado e severo sistema de vigilância foi montado para garantir a subserviência do escravo e a segurança do senhor, de sua família e da sociedade. Quase sempre em inferioridade numérica, os brancos seguiam à risca os mandamentos de seu sistema de defesa, monopolizando o uso das armas como forma de manter sob controle qualquer rebelião negra. Os brancos abortavam qualquer início de organização dos escravos. Isto sufocou o nascimento de qualquer técnica de organização social. Após a abolição os negros dispersaram-se para todas as direções em busca de acomodação. A preocupação com a sobrevivência imediata, juntamente com a falta de conhecimentos de como organizar-se socialmente, encarregara-se de gerar uma grave IMPOTÊNCIA social entre os negros.

A esse contexto PSICOLÓGICO e seus reflexos na REJEIÇÃO SOCIAL, que condicionou o relacionamento de brancos e negros a partir de então, daremos o nome de CONTEXTO PSICO-SOCIAL.

Este contexto influenciou diretamente a integração do negro ao mercado de trabalho. Ao mercado de trabalho e às atividades econômicas gerais daremos o nome de CONTEXTO ECONÔMICO.

Esses dois contextos formam um universo social onde literalmente o negro é dragado para o fundo das camadas mais baixas da sociedade.

O CONTEXTO PSICO-SOCIAL - Três comportamentos do negro formaram, após a abolição, um conceito na mentalidade branca: (1) a noção de que a liberdade significava poder decidir QUANTO E COMO trabalhar; (2) a mentalidade de que a dignidade é incompatível com serviços degradantes; (3) a idéia de que a dedicação ao trabalho deve ser regulada pela necessidade de consumo do indivíduo e de seus dependentes. Ora, os fazendeiros não se conformavam com os hábitos do negro. Eis um depoimento de um fazendeiro branco (*): "São excessivamente exigentes, param a toda hora para fazer cigarro e fumar; nas horas de refeição demoram-se indefinidamente ... Qualquer observação sobre o trabalho, levam como ofensa, largam a ferramenta e vão embora." Convém ressaltar que isto foi publicado em jornal! Faltavam ao negro a autodisciplina e o espírito de responsabilidade. Qualidades que os imigrantes possuíam de sobra. Era inevitável a substituição do negro pelo imigrante. Da mesma forma foi inevitável a formação da mentalidade de que o negro era vagabundo, irresponsável e inútil. Com esta má fama, os negros foram banidos do mercado de trabalho. Forçados a lutar pela sobrevivência, tiveram que trabalhar em ocupações insignificantes, muito piores do que as que tinham rejeitado anteriormente. Colocados à margem da sociedade, muitos se entregaram à ociosidade permanente e passaram a agrupar-se em botequins, em busca de convivência com seus iguais. A bebida encarregou-se de transformá-los em criaturas bestiais. Passaram a ser uma ameaça ao decoro, à propriedade e à segurança das pessoas

brancas. Esta situação causou a rápida desmoralização do negro na concepção do branco. O negro transformou-se em caso de polícia, que passou a tratá-los mal por qualquer motivo. Evidentemente os negros que tinham ocupação e levavam uma vida digna também passaram a sofrer abordagens humilhantes da polícia sob o pretexto da suspeita. A situação foi tão longe que mesmo abolicionistas convictos se arrependiam de terem ajudado a libertar os negros. Demorou para os negros tomarem consciência da situação que os envolvia. Os negros que conseguiam subir "um pouco" na vida sabiam o que estava ocorrendo com seus irmãos de raça, mas não sentiam a obrigação moral de avisá-los de que suas atitudes fomentavam a ira do branco. Sentiam-se envergonhados e ameaçados, em seu prestígio pelo modo de viver da ralé negra e afastavam-se dela o mais que podiam. Repudiada e odiada pelos brancos, abandonada e evitada pelos negros melhorados, a ralé negra fica deslocada na sociedade. Desta forma, como poderia o negro transmitir aos seus filhos uma orientação fume, de competição com o branco?

No início da década de 1930, alguns negros perceberam o "erro social" que estavam cometendo. Os jornais de negros começam a alertar a população negra. A orgia da liberdade começou a ser vista como um lamentável engano causador do atraso e da miséria do negro. Nesta época os imigrantes começavam a se firmar como comerciantes, seus filhos estudavam nas melhores escolas e consequentemente ocupavam os melhores empregos. O negro começa a desejar competir com o branco. Naturalmente este desejo de superar o branco conduz à necessidade de superar primeiramente a si próprio. Neste ponto a miséria começa a exercer seu papel venenoso. A miséria aprisiona o homem no fundo do abismo social dificultando-lhe todo e qualquer esforço em direção ao progresso. Além das dificuldades materiais existem sérios complicadores no modo de pensar das pessoas miseráveis. São apáticas, desanimadas, conformistas. Isto ocorre porque são tão fracas que nem sequer conseguem entender os motivos de sua fraqueza. Estão reduzidas a uma impotência tão grande que mesmo se não houvesse nenhum tipo de adversário sabotando seu desejo de progredir, ainda assim não conseguiriam ser nada na vida. Pior ainda, ajudá-las é uma tarefa ingrata e aborrecida, pois sua ignorância não as permite sequer compreender a necessidade de falar sobre suas fraquezas. São incrédulas em relação à orquestração social existente para mantê-las no fundo do abismo. Em resumo, O MORAL destes miseráveis é baixo demais, a ponto de não terem sequer orgulho ao qual possam se apegar. Estão irremediavelmente perdidos socialmente. Para esta gente a palavra competir não tem significado, pois sua energia mal dá para a luta diária pela sobrevivência.

A FAMÍLIA DO NEGRO - A família é o mais importante dos agrupamentos humanos. E é justamente nesse ponto onde começa a fraqueza do negro. Após a abolição muitos negros foram morar nas cidades. Nas cidades,

eram obrigados a se alojar onde fosse possível. Pequenos espaços eram divididos por muitas pessoas. Viviam juntas pessoas que nem sempre formavam o núcleo familiar normal: pai, mãe e filhos. Frequentemente surgia a figura do padrasto, do amásio ou do amante. Ocorria também o compartilhamento de espaço com primos, cunhados, conhecidos ou amigos. Este amontoado de gente num pequeno quarto ocasionava um contato íntimo forçado. Daí para a desordem sexual é um pequeno passo. Na primeira oportunidade que o padrasto, o amásio, o amante, o "parente", ou o "amigo" tinha, começava a corrupção sexual da filha ou do filho pequeno da amásia ou da parente. As próprias crianças, longe da fiscalização do responsável, serviam-se sexualmente umas das outras. O abuso sexual corrompia fatalmente a moral das crianças. Quando cresciam já eram pessoas propensas a uma vida repleta de excessos eróticos. Pessoas assim, não possuíam freios morais que pudessem lhes impor responsabilidade perante uma gravidez. Moças negras e mestiças, engravidavam fora de qualquer compromisso de casamento. Isto acabou por produzir um grande número de bastardos, os quais eram distribuídos como filhotes de animais, a quem os quisesse criar. Ou ainda pior, eram abandonados. Percebe-se por aí a origem dos menores abandonados, sementes de potenciais delinquentes juvenis e criminosos sem compaixão. A conduta sexual daquela parcela de negros impediu por longo período a formação de famílias equilibradas. Juntamente com o alcoolismo, a vagabundagem, a mendicância e a criminalidade, essa demora em formar famílias integradas produziu um atraso tremendo do negro perante o branco. A ausência do núcleo familiar desencadeou desajustamentos que influenciaram outros setores da vida social. Nesta época os negros que estavam fora deste convívio miserável foram impotentes para intervir na devastação moral do negro e na consequente imagem negativa que isto gerava na mentalidade do branco. Mais uma vez surgiu a má fama a respeito da moral dos negros. Má fama que gerou mitos que afetavam a imagem do negro em geral, inclusive dos negros ordeiros que mais uma vez passaram a ser suspeitos aos olhos do branco. Esta situação social "DOENTIA" propagou-se entre os negros por longos anos, propiciando a fixação da idéia de que o negro possui algum defeito genético causador de uma bestialidade animalesca. O abastardamento dos negros e mestiços continua até hoje, pois a maioria dos menores abandonados são negros e mestiços. Convém acrescentar que o branco também contribuiu, em alguns casos, para agravar o problema: as moças que trabalhavam em casas de família ficavam expostas às incursões sexuais dos patrões e de seus filhos, daí também resultando o aumento do abastardamento da raça negra.

Convém lembrar que estamos falando das grandes cidades, pois, no meio rústico das fazendas e das cidades pequeninas, não existiu o acortijamento. Acrescente-se que a influência da família branca do interior foi muito forte, propiciando ao negro recentemente saído das senzalas, um

modelo para a imitação.

Quanto ao negro da cidade grande, somente após longos anos de erro social, pôde perceber os efeitos do funcionamento das famílias dos imigrantes. Entre os imigrantes a família era o alicerce da ascensão econômica e social. Começaram então a imitá-los. Neste momento ficou bastante visível a IMPOTÊNCIA social dos negros "melhorados" para alertar e controlar os desvios da ralé negra. Se possuíssem algum meio de comunicação social, ou agremiações onde pudessem se reunir e transmitir experiências sociais, poderiam ter estimulado toda a comunidade negra a buscar comportamentos familiares mais eficazes socialmente. Se os negros esclarecidos não se mexiam para tomar providências, é claro que os brancos, que nem sequer simpatizavam com o negro, também não iriam se ocupar de um problema que não lhes dizia respeito. Tratavam de cuidar de suas vidas e mantinham-se afastados de todo e qualquer negro.

A FAMÍLIA NEGRA INTEGRADA - A família negra integrada conseguiu escapar de toda a desgraça descrita anteriormente. Conseguiu trilhar uma linha de conduta exemplar. Os pais procuravam reprimir a conduta sexual dos filhos a fim de afastá-los do destino maldito da ralé negra. Porém os pais não reprimiram somente a propensão sexual dos filhos. Reprimiram também a consciência das crianças em relação ao racismo. Com o intuito de ANESTESIAR a dor provocada pela rejeição branca, deixaram de predispor as crianças a tomarem consciência das manifestações disfarçadas do racismo. Retiraram toda e qualquer possibilidade de alertar as crianças e deixá-las de PRONTIDÃO psicológica contra as tramas do branco. Este tipo de prontidão é essencial para criar nas pessoas um sistema defensivo e um desejo saudável de competir e superar um adversário. Sem esta prontidão a criança é apanhada de surpresa e não consegue sequer esboçar reação. Fica exposta às ridicularizações e às humilhações sem saber como neutralizar a petulância e a arrogância acintosa dos brancos. Acaba-se por criar nos brancos uma sensação de que o negro é lerdo mental e covarde, pois não consegue responder à altura sequer uma pequena provocação. Pensando estar evitando desgosto aos filhos, ou até mesmo porque falar de racismo faz lembrar da rejeição e isto dói, os pais assumem um comportamento de avestruz, permitindo que seus filhos permaneçam como um alvo perfeito à danosa ação racista branca. O avestruz tem um comportamento totalmente louco perante um caçador: ele corre e enfia a cabeça no primeiro buraco que encontra. Talvez seu instinto lhe diga que se ele não vê o caçador, este também não o verá. Tolo engano, pois fica com seu enorme traseiro à mostra para o caçador enfiar-lhe o cano da espingarda! Esse estranho comportamento do negro em não discutir o preconceito com seus filhos ou com seus amigos deixa o branco agir à vontade sobre o destino da raça negra. Ele nada tem a temer, pois o negro além de não o enfrentar, nem sequer sabe conspirar, seja na intimidade da família, seja com os amigos.

Este é o motivo básico da postura de pateta que o negro assume perante um branco, qualquer branco, mesmo o ralé. Em termos de competição social, o branco ralé é o que menor resistência poderia opor ao negro. É sobre a ralé branca que o negro poderia começar a praticar seus primeiros gestos de independência. Poderia isolá-la de seus "irmãos maiores" e submetê-la à conquista econômica. Entretanto PARA SE TER UMA MENTALIDADE COMPETITIVA IMPLACÁVEL É PRECISO TER, antes de mais nada, uma MENTALIDADE REVANCHISTA. Como a mentalidade revanchista é socialmente condenada, é necessário recorrer a justificações psicológicas que neutralizem a censura mental plantada no negro durante longos anos. Embora o branco seja cruel ao aplicar seu veneno racista na vida do negro, suas instituições filosóficas procuram cobrir-lhe a face demoníaca com um véu angelical. Isto serve para confundir a maioria dos negros, provocando-lhes um desarmamento mental, que chega a ser socialmente doentio. É por isso que muitos negros ficam apalermados perante um branco racista, não sabendo como reagir a uma ofensa racista. O mesmo negro capaz de brigar, quando atingido moralmente, fica embaçado e sem reação perante uma ofensa racista qualquer, dessas nas quais os brancos são especialistas. Embora tenha todo o direito de reagir, o negro encontra-se psicologicamente acovardado por sentir-se isolado em relação a este assunto. Sabe que não poderá contar com o apoio de ninguém caso resolva colocar sua mágoa e sua raiva para fora. Isto tem sido assim na vida da maioria dos negros.

A ESCOLA - Logo após o grupo familiar, vem a fase da escolarização. Desta fase, os bastardos das famílias desintegradas, dificilmente podem participar. Raramente uma criança tem motivação para exigir a ida às aulas. Normalmente são os pais que, ao tomar consciência da necessidade da escolarização na competição por um lugar ao sol, forçam a motivação da criança. Uma criança abandonada à própria sorte, iniciada na promiscuidade e deformada moralmente teria esta motivação naturalmente? É claro que não! Para ela, esta oportunidade de consertar o caminho torto que iniciou ao ser concebida como bastarda, não poderá ser aproveitada. A esta criança estará reservado um futuro maldito. Há uma conspiração natural das circunstâncias que só poderia ser modificada com vontade política. Mas o político é branco e não sente a menor simpatia pelo negro. Portanto a desgraça tende a perdurar para sempre, enquanto o negro instruído não deixar de ser omissor. As crianças das famílias integradas, que vivem no ambiente urbano, podem usufruir das oportunidades da educação escolar. Porém é nesta fase que a criança fica face a face com o racismo. Aqueles que passaram por esta fase sabem como é difícil estar entre brancos. A criança branca parece trazer de casa a orientação de evitar o negro. Caso esta criança pertença à classes superiores pior é a maneira acintosa com que evita os coleguinhas negros.

Os professores, na maioria das vezes brancos, têm um modo todo especial, NÃO VERBAL, de passar sua antipatia pelo negro. Vindo de um branco raramente poderia ser diferente. Nesta hora a falta de conhecimento sobre o preconceito deixa a criança sob um fogo cruzado de crianças, professores e servidores da escola. Para ela não há abrigo pois irá demorar para descobrir a origem de tanta rejeição e desprezo. Os pais negros não sabem o mal que fazem a seus filhos deixando-os na ignorância! Nessa situação, a fase escolar, que para muitas crianças pode vir a ser um agradável convívio, passa a ser, para a criança negra, um foco de frustração e desgosto. A função da escola de transmitir conhecimentos e formar atitudes de cidadania fica prejudicada pelo contexto afetivo e emocional que envolve a criança negra. A escola permite o usufruto do direito à educação mas tolhe o desenvolvimento das potencialidades humanas da criança negra. As dificuldades com as outras crianças surgem na hora de brincar, na hora de agrupar-se para fazer trabalhos escolares e nos diversos tipos de camaradagem de um grupo de crianças. Nestes momentos quase sempre o negro será o último a ser escolhido para agrupar-se com as outras crianças. Dos professores jamais poderá esperar afago e atenção com ternura, itens que alimentam não só o cérebro, mas o coração de uma criança. Via de regra, os olhares, o tratamento seco e formal, os quais a criança negra sente ser diferente para outras crianças, fazem do professor uma espécie de inimigo diário. Um inimigo ao qual a criança é obrigada a respeitar porque o professor tem o poder de avaliação. Diante desta situação é possível que o aprendizado fique bastante prejudicado, pois a criança, além da necessária força de vontade para estudar, terá que saber conviver num ambiente inteiramente hostil. Convenhamos, é muita responsabilidade para ombros tão pequenos!

Embora esta fase seja infernal, a criança é obrigada a engolir calada, pois seus pais não servem como válvula de escape para seus sentimentos de amargura.

O TRABALHO - Após a passagem pela escola, onde deve ter recebido preparação profissional de acordo com suas aptidões, o negro busca participar das atividades produtivas. O jovem negro proveniente das famílias desestruturadas paga neste momento o custo da falta de preparo profissional. Quando consegue emprego, só pode ocupar atividades manuais mal remuneradas. Passa a formar o enorme contingente de trabalhadores de baixa renda, que irão habitar os piores bairros da cidade e transmitirão aos filhos a mesma miséria que herdaram dos seus pais. Em seu ambiente de trabalho dividirá espaço com a ralé branca. Este tipo de gente, discriminada socialmente por ser pobre, não possui poder algum. Esta falta de poder os mantém numa certa neutralidade racial perante o negro. Somente passam a ser perigosos quando prosperam e passam então a compartilhar os valores sociais e morais da classe média branca. Neste

momento, quando passam a ter algum poder de selecionar as pessoas com as quais vai conviver, estudar e trabalhar, começam a excluir o negro de sua presença. Ao ocupar postos nos departamentos de recrutamento e seleção das empresas, nas secretarias das escolas e nos diversos locais onde possam exercer o poder de proibir, começam a prejudicar o negro. Convém destacar as profissões policiais. Qualquer pessoa sabe que as classes mais baixas da sociedade - aquela que parece neutra em relação ao negro - são as grandes fornecedoras de mão-de-obra para a polícia. Neste momento, aquela neutralidade de branco pobre desaparece e surge em seu lugar uma "autoridade policial" com licença para matar. Este tipo de poder, quando assumido por brancos racistas, possui efeito fatal ao negro. Entretanto, o negro não aprendeu que deve evitar disputar a calçada com um cachorro louco. Não aprendeu ainda que é uma criatura visada e que, portanto, deve ter um comportamento recatado e ordeiro como forma de evitar os "acessos de raiva" do policial branco.

Quanto aos negros provenientes de famílias estruturadas que valorizam o estudo, o momento da entrada no mercado de trabalho é cercado de angústia e apreensão. Mesmo o mais alienado dos negros, sabe que os BRANCOS BARRAM OS NEGROS no mercado de trabalho. Sabe também que terá que procurar emprego nas propriedades dos brancos pois sua raça é impotente socialmente e pouquíssimos são os negros possuidores de empresa. Sabe que se disputar uma vaga com um branco, sempre levará a pior. Em empresas familiares fica praticamente impossível a penetração do negro. Se a empresa for grande, poderá na melhor das hipóteses, arranjar vagas nas atividades auxiliares da produção. Por sua vez, as grandes empresas multinacionais - normalmente americanas, européias e ultimamente as japonesas - trazem consigo uma cultura racista não menos impiedosa que a brasileira. Isto porque o NEGRO É REJEITADO UNIVERSALMENTE pelas outras raças. Darão empregos preferencialmente nas posições da produção onde pouco importa a cor do trabalhador, pois sua face permanecerá anônima. No prédio da administração, onde a face do trabalhador é mais visível existe uma rejeição muito forte à presença do negro. É quase impossível a um negro ocupar as posições de mando e prestígio de uma empresa devido a dois fatores: (1) a reserva de mercado que os brancos fazem para si destas posições; (2) e a profunda rejeição que as pessoas brancas sentem por um negro no papel de comando. As empresas estatais não fogem à regra, pois refletem a cultura racista do país. Os seus dirigentes carregam consigo os mesmos preconceitos que os faziam evitar os negros nas escolas, dando continuidade, na empresa, ao boicote ao negro. As pequenas e médias empresas, também na maioria de proprietários brancos, seguem as tendências das grandes. Fecha-se então sobre o negro, um círculo de ferro onde será comprimido sem piedade. Daí a perpetuação da riqueza branca e da miséria negra. Mas existem os negros e mestiços que, através de um esforço incomum, conseguem furar o bloqueio branco. Estes enfrentam um

outro tipo de dificuldade: os grupos informais que atuam paralelamente ao fluxo normal do poder. Esses grupos criam um clima de camaradagem para seus membros, e um clima de desconforto psicológico para os que não pertencem à "panelinha". É nesse clima hostil que o negro será jogado. Normalmente em inferioridade numérica, às vezes único no ambiente, terá que ajustar-se à situação de modo a evitar prejuízos à sua carreira. Porém, qualquer que seja seu ajustamento, estará sempre sujeito à antipatia racial branca e às restrições que ela gera. Terá que contentar-se com uma carreira limitada, pois enfrentará a RESERVA DE MERCADO que os brancos fazem para si das melhores posições e oportunidades. Esta reserva atinge também as oportunidades de treinamento no trabalho. Existem empresas que possuem centros de treinamento capazes de formar excelentes profissionais. Entretanto, basta percorrer as salas de aula destes centros de treinamento para concluir que ali também a presença do negro é rara.

No grupo de trabalho, qualquer opção de comportamento que decidir adotar lhe trará alguma desvantagem. Se resolver integrar-se, terá que anestesiar seus brios e "fingir" que não nota o clima de hostilidade e desprezo que os colegas brancos criam para envolvê-lo. Se não tiver um caráter firme, poderá sucumbir à tentação de querer embranquecer para se integrar, transformando-se numa criatura domesticada sem capacidade de lutar e competir. Uma criatura dessas não serve nem para si própria, nem para seus filhos, pois não terá nenhum código de honra para transmitir-lhes. Criará outros "frouxos" negros. Por outro lado se decidir enfrentar o branco em seu próprio território acabará gerando uma tremenda pressão contra sua pessoa. Terá que caminhar num terreno minado, prestes a explodir no primeiro passo errado. Terá que ter uma personalidade extremamente forte para suportar o isolamento e a solidão que gerará para si próprio. Sofrerá uma dura hostilidade, mas, se conseguir sobreviver, ao menos terá conseguido salvar seu espírito da tentação de ceder e ser domesticado pelo branco. Este tipo de negro dará aos filhos um temperamento duramente competitivo. Formará verdadeiros guerreiros que não retrocedem nem se rendem jamais. Este é o tipo de negro brioso e orgulhoso de sua raça. Não cede, é duro como uma rocha, mas viverá angustiado caso não encontre amigos com caráter semelhante ao seu. Há um terceiro tipo que finge ceder. Transforma a arrogância e o acinte dos brancos num antídoto contra o próprio branco. Procura observá-los em sua força e em suas fraquezas, como se fosse um espião vivendo num país inimigo. Aprende que em nível individual a superioridade branca não passa de uma farsa. Percebe com clareza que os brancos miseráveis se apóiam na imagem de vencedor de seus "irmãos maiores" - os brancos do bairro nobre. Mas percebe que esta fraqueza individual contrasta com o poder das instituições brancas: família, escola, empresa, igreja, sindicato, previdência social, meios de comunicação de massa, tecnologia, etc. São órgãos muito fortes e dão força a cada indivíduo branco. Sabe também que

as INSTITUIÇÕES NEGRAS SIMILARES SÃO IMPOTENTES, ALGUMAS ATÉ INEXISTENTES - caso da tecnologia. E ao concluir que a luta do negro tem sido de homem a homem e não instituição versus instituição, descobre que terá que lutar sozinho, de modo camuflado. Esse negro em luta camuflada criará uma ética de duas faces: uma para o branco e outra para si e sua raça. Poderá parecer leal ao branco, mas no íntimo cultiva um forte desejo de revanche. Basta ter oportunidade. Aos filhos transmitirá um caráter aguerrido e competitivo, embora talvez não introduza conotação racial em suas orientações. Enfim consegue preservar seu equilíbrio psicológico e evita o conflito que o isolamento pode trazer.

Qualquer negro com um mínimo de esclarecimento sabe que existe uma expectativa muito grande sobre o seu desempenho profissional. Sabe que, se falhar, todos atribuirão seu erro a uma incapacidade hereditária da raça negra. Entretanto este "saber" individual não gera frutos sociais, pois a população negra tem pouca consciência da necessidade de gerenciar eficientemente a mudança de sua imagem coletiva. Imagem que influi nos sentimentos de rejeição branca. Daí resultando barreiras na contratação, carreiras bloqueadas, oportunidades perdidas e salários mais baixos.

OUTRAS SITUAÇÕES DE CONTATO COM O BRANCO - Na escola e no trabalho as preferências pessoais são censuradas pelas normas do estabelecimento. Entretanto existem outros pontos públicos, semi-públicos ou privados, onde as pessoas ficam liberadas para manifestar suas preferências pessoais. Dentre os públicos temos as ruas, o transporte coletivo, os prédios de serviço público, o comércio em geral: lojas, shoppings, restaurantes, etc. Dentre os semi-públicos, a igreja, os clubes de lazer, as associações culturais, etc. Finalmente os pontos privados, onde a participação é exclusiva para convidados.

PONTOS PÚBLICOS - O racismo acaba por desenvolver no negro uma sensibilidade muito grande em relação às atitudes do branco. Assim como conseguimos perceber quando estamos sendo marcados por alguém, um negro consegue ler o racismo nos olhos de um branco racista. É algo animal, instintivo. Até mesmo nas ruas se pode perceber quando um branco é racista, especialmente numa rua de bairro nobre, onde o negro é visto como suspeito. Entretanto, existem alguns lugares que despertam mais intensamente nos brancos um sentimento de EXCLUSIVISMO TERRITORIAL. Em seus templos de consumo - os shoppings, as lojas de luxo, os restaurantes mais luxuosos - os brancos parecem ficar perplexos quando vêem um negro apresentar-se como cliente. Lançam olhares pouco discretos, carregados de proibição e antipatia, como se quisessem manifestar desconforto perante o negro.

A IGREJA - Além de buscarem uma relação com Deus, as pessoas usam a doutrina religiosa como um padrão de conduta e um moderador de impulsos psicológicos perversos. Criam em suas igrejas um ambiente de

"irmandade" que propicia um clima de camaradagem e conforto psicológico aos membros da igreja. Formam um grupo exemplar que se trata com palavras atenciosas e amenas, sempre prontos para "amar uns aos outros". Porém ao saírem da igreja substituem esta face angelical e esse modo sereno por outra que será usada no dia-a-dia do mundo real: nas escolas, nas empresas, nas polícias, etc. É com esta face que ele se apresentará ao negro. Com todos os milhares de religiosos que temos no país, como é que a injustiça feita ao negro nunca teve quem a contestasse? Por que não podemos perceber entre as crianças brancas, filhas de religiosos, a fisionomia angelical de um "irmãozinho" a acolher a criança negra em seu grupo? Por que estes religiosos quando estão na empresa não combatem a discriminação racial? Simplesmente porque o código moral do cotidiano não é o mesmo utilizado na igreja. Esses brancos de igreja conseguem enganar seus "irmãos brancos", entretanto o negro consegue ver facilmente a marca da hipocrisia branca estampada em suas fisionomias de anjo.

CLUBES DE LAZER E ASSOCIAÇÕES - Nestes locais semi-públicos; o sentimento de exclusivismo territorial é mais forte. Parecem ser "TERRITÓRIOS BRANCOS TRIBAIS". Neles os brancos manifestam francamente seu desagrado pela presença do negro, nos olhares, nos gestos, e até mesmo nos comentários que às vezes se fazem em voz alta com um intuito claramente ofensivo. Se for um clube, fazem todo o esforço para proibir o ingresso de famílias negras no quadro de associados. Se o negro conseguir penetrar no local será deixado de lado, "no gelo", para que se sinta deslocado e "sem ambiente". Se o negro tivesse "vergonha na cara" procuraria não forçar a situação ridícula de PAGAR PARA SER DESPREZADO.

PONTOS PRIVADOS - A propriedade privada é o local onde se podem praticar as preferências pessoais sem nenhuma censura. O acesso é restrito somente para convidados. Assim são os jantares, os aniversários, os casamentos e as festividades familiares. Entretanto pode ocorrer que um dos convidados brancos tenha amizade com um negro ou mestiço e introduza-o neste círculo fechado. A primeira coisa que aquele negro nota é que ele será o único negro no ambiente, daí o sentimento de solidão racial. Perceberá de modo cristalino as situações contraditórias que acontecem. Alguns brancos dão uma TRÉGUA aos seus sentimentos raciais e tratam bem "AQUELE NEGRO, NAQUELE MOMENTO". Outros mais distantes tratam de se manter frios e formais, escondendo com sacrifício seus verdadeiros sentimentos. Um negro inteligente sabe que aquela é uma situação especial e não se engana a respeito da real índole dos brancos no dia-a-dia.

OUTROS PONTOS DE IMPORTÂNCIA SECUNDÁRIA - Ao atingir a adolescência, todo jovem desperta para a vida amorosa. É a fase do

namoro. Individualmente o jovem tem suas exigências. As moças sonham com um rapaz da classe superior, bonito. Os rapazes querem uma moça bonita, de boa família. Nesta fase a influência dos pais, irmãos e parentes e do grupo de amigos também condiciona a escolha do parceiro de namoro. Enfim, o nível de exigência é bastante alto, tanto pelo indivíduo como pelo grupo. Entretanto, mesmo sem nenhum conhecimento de sociologia, o jovem branco percebe a situação social do jovem negro. Sua cor simboliza a marca da pobreza e da derrota social. Os brancos da classe superior estigmatizam sua aparência como a marca da feiúra. Além disso, circulam na sociedade incessantes comentários e anedotas depreciativas sobre os negros. Diante desta realidade não só o jovem branco evitará contato com o negro, como também receberá severas críticas dos pais, dos irmãos, dos parentes e dos amigos, caso decida namorar um deles, mesmo que não esteja enquadrado naquela descrição tão negativa. Por outro lado, para o jovem negro o branco inspira outra análise. Ele cresce vendo a riqueza em mãos brancas. Vê diariamente os meios de comunicação bombardeando imagens incessantes de bonitos modelos brancos. A todo o momento o modo luxuoso de vida dos brancos ricos aparece nas propagandas de TV, nas telenovelas e nas páginas coloridas das revistas de classe média. Um maravilhoso mundo branco onde de vez em quando aparecem aspectos miseráveis da vida do negro. Há certa insistência em expor apenas aspectos negativos da raça negra. Isso penetra o espírito do negro minando-lhe a confiança em si próprio a ponto de anular-lhe o ânimo de resistência. Diante desta verdadeira exaltação do branco e depreciação do negro, o jovem negro, proveniente de uma FAMÍLIA QUE NÃO VACINOU SEUS FILHOS CONTRA A GUERRA PSICOLÓGICA BRANCA, fica seduzido pelo branco e passa desesperadamente a desejar ser um deles. Passa a admirá-los e a querer envolver-se com pessoas brancas. O desejo de querer ser branco faz o jovem negro vender a alma ao branco. Desta forma adquirem a SÍNDROME DO TRAVESTI. O travesti é aquele que tem CORPO DE HOMEM, MAS ALMA DE MULHER, alimentando a ilusão de que o mundo o vê como mulher. Assim fica uma parcela de negros embranquecidos: todos vêem seu indisfarçável corpo negro, mas mentalmente ele se ilude pensando que é branco. E o pior: pensa que todo mundo o vê como branco. Não percebe o ridículo papel de travesti que está desempenhando. Esse desejo doentio transforma o negro numa CARICATURA DE BRANCO, afastando-o de si mesmo e de sua gente. Este processo aumenta drasticamente a impotência negra, pois elimina a possibilidade do negro ter raiva do desprezo e da humilhação que o branco lhe impõe. A ausência desta raiva tira-lhe o desejo da revanche, motivação básica das grandes lutas que transformaram povos derrotados em povos conquistadores. Essa situação de fascínio do negro pelo branco lembra muito o fascínio suicida que paralisa um ratinho diante da serpente. É difícil entender porque o animalzinho não tenta ao menos fugir de seu destino

mortal. Este fascínio pelo branco funciona para o negro como uma
ATRAÇÃO FATAL.

DIFICULDADES DA MUDANÇA

SITUANDO O PROBLEMA - É quase impossível propor mudanças na situação do negro brasileiro. Muitas foram as pessoas que dedicaram inteligência, tempo e esforço na tentativa de solucionar este grave problema social, porém sem sucesso. Descobrir um modo de sanar o duradouro subdesenvolvimento do negro brasileiro equivale a descobrir a cura do câncer. É um desafio fascinante, porém árduo.

As dificuldades começam na própria apresentação do problema. O problema existe, é visível até mesmo pelo observador mais desatento, mas não é admitido nem por brancos, nem por negros. A semente do mal que gera a miséria do negro - o racismo - transformou-se num assunto proibido. Em determinados círculos sociais esse assunto provoca evidente mal-estar. Insistir nesse tema afasta as pessoas e provoca abalos em bons relacionamentos sociais. Todos procuram fugir desse assunto. Entre negros, desde o mais humilde ignorante até um pretensão intelectual, a reação mais comum é a negação da raça. É patético observar o esforço doentio e obsessivo de um negro que tenta desesperadamente ser branco. Dentre as tentativas, a mais ridícula é a ginástica verbal que alguns fazem para destacar seus antepassados europeus e esconder os africanos. Alguns chegam a mencionar até que são descendentes de índio, na tentativa de explicar a origem da pele escura. Nunca lhes passa pela cabeça que até o mais medíocre dos brancos se sente um Deus ao observar o esforço de um negro para explicar o seu grau de parentesco com a raça branca. Não é preciso nenhum esforço especial para lograr esse tolo travestido de branco. Basta fingir que o enxerga e aceita como branco e o perigo de uma rebelião racial está afastado. É como tratar um homossexual assumido de "ELA" ao invés de "ELE". Isto o deixa feliz e a possibilidade de conflito desaparece.

Por outro lado, existem negros que assumem sua negritude e até participam de grupos de resistência. Entretanto não dominam sequer os mais elementares conceitos de estratégia de luta. Basta prestar atenção no seu palavreado para perceber o nível de ingenuidade de suas propostas. Esses negros denominados "militantes", ao invés de prestar serviço à raça, na realidade contribuem para paralisar ainda mais o negro, pois ingenuamente disseminam a desinformação.

ORIGEM DAS DIFICULDADES - Sabemos que a abolição da escravidão foi feita de modo perverso. Os poderosos não tiveram a menor intenção de integrar os ex-escravos à sociedade. Pareceu aos brancos que a liberdade era o prêmio máximo que os negros poderiam receber. O objetivo era muito claro: não dedicar a mínima ajuda material à raça negra. Essa maldosa intenção branca toma-se óbvia, se COMPARARMOS a FALTA DE APOIO AO NEGRO COM A AJUDA dada AOS IMIGRANTES EUROPEUS.

A estes, o governo brasileiro dedicou as melhores terras do Brasil. Preocupou-se até com a semelhança de clima entre países europeus e determinadas regiões brasileiras. Este é o motivo das colônias alemãs, polonesas, italianas, etc., estarem nas regiões frias do sul do Brasil. Zelo para com os europeus e desprezo para com os negros. A miséria atual dos negros demonstra o sucesso da intenção branca de prejudicar o negro e promover o branco europeu.

Embora seja inútil debater aquele passado distante, devemos realçar bem a índole maldosa dos brancos em relação aos negros. As sabotagens e bloqueios impostos pelos racistas brancos atuais demonstram que essa índole maldosa faz parte do caráter dos brancos em relação aos negros. Essa constatação deveria condicionar o instinto de defesa dos negros perante os brancos, como forma de evitar surpresas desagradáveis.

SEPARANDO O JOIO DO TRIGO - Embora exista brancos coexistindo pacificamente com negros até mesmo em uniões matrimoniais, este livro ignorará essas exceções, visto que tais relações ainda não são suficientemente numerosas e fortes para eliminar a concentração de riqueza em mãos brancas. O alvo deste trabalho são os racistas brancos, quer em nível de indivíduo, quer em nível coletivo.

O RACISMO BRANCO - A base do racismo está na ANTIPATIA implacável que o branco racista sente PELO NEGRO. Esta antipatia pode ser MANIFESTA OU CAMUFLADA. A antipatia anestesia os sentimentos de justiça. Para o racista pouco importa a desordem social provocada por suas ações. Em seu coração não cabe compaixão pelos sofrimentos das vítimas de seu ódio racial. Pessoas racistas esforçam-se ao máximo para manter privilégios para os brancos à custa dos negros. Estão sempre, atentas para repartir boas oportunidades com outros brancos, mesmo que sejam desconhecidos, e praticar a sabotagem contra o negro. A sabotagem pode ser por ação ou por omissão. Sabotagem por ação é aquela que visa o prejuízo direto do negro: negar emprego, boicotar sua participação em grupos de trabalho, negar treinamento profissional, hostilizá-lo em ambientes requintados de maioria branca, praticar a violência policial em ações intencionalmente humilhantes e por vezes homicidas, etc., etc. A sabotagem por omissão é aquela que visa silenciosamente manter o negro constantemente logrado. Os brancos sabem que o negro é um tolo ao se deixar enganar, da mesma forma que todos sabem que mulher de malandro só apanha e é enganada porque é tola e não sabe reagir. Atualmente, muitos são os grupos interessados em defender as baleias, a selva amazônica, etc. Vários são os apelos para que as pessoas não rejeitem os deficientes físicos e os aidéticos, mas todos fazem silêncio perante a flagrante antipatia e rejeição dos brancos sobre os negros. Uma criança negra abandonada, longe de inspirar compaixão, inspira temor e desprezo. Garotos negros abandonados são vistos como sementes do crime e por isso ninguém os quer adotar. As igrejas

constantemente emitem opiniões sobre as injustiças sociais e os erros da humanidade, mas nada fazem para diminuir os sentimentos anti-negro dos brancos freqüentadores de igreja. Os sindicatos sabem perfeitamente da discriminação racial no mercado de trabalho, mas insistem em se manter no mais absoluto silêncio. Os sociólogos e os psicólogos não dedicam a menor atenção a este que é o maior dilema social do Brasil. A base desta omissão são os sentimentos anti-negro. Além disso, existe a clara percepção popular, até entre os brancos mais ignorantes, de que é possível tirar vantagem deste sentimento anti-negro. Desde a escolha da namorada até a ocupação das vagas nos empregos.

O RACISTA - Racista é aquele que considera as pessoas negras como inferiores aos brancos. É firmemente convicto de que os traços físicos do negro, além de feios, determinam baixo grau de inteligência, falhas morais insanáveis e incapacidade de comportamento social adequado. Acreditam também que esta inferioridade é uma base legítima para um tratamento social inferior, acintoso e sem o menor respeito. Todos os julgamentos de superioridade se baseiam em pessoas brancas, tidas como o padrão da perfeição. Tudo que estiver ligado ao negro - inclusive outro branco - é inferior.

TIPOS BÁSICOS DE RACISTA - Existem dois tipos básicos de racistas: (1) O DOMINADOR - que manifesta abertamente seus sentimentos anti-negro e (2) O AVERSIVO - que procura manter-se longe de negros, chegando até a fingir que não os vê. O dominador exprime uma ambição definida em todas as suas atividades: busca abertamente conservar o negro em situação inferior e está disposto a usar a força para atingir seus fins. O aversivo tenta ignorar a existência das pessoas negras, procura evitar contato com negros, mas se for obrigado a tratar com um negro, procura ser frio ao máximo; com o objetivo de livrar-se do constrangimento de ter que permanecer perto de um negro. No Brasil, onde o racismo é CAMUFLADO, predomina o racista do tipo aversivo, embora às vezes uma pessoa "regrida" do comportamento aversivo para o comportamento dominador. Esta regressão é notável em muitos policiais. Os policiais são recrutados, na maioria, nas camadas pobres da sociedade. Os brancos pobres são pessoas que convivem mais de perto com os negros na periferia. Lá, enquanto não são policiais, eles se mantêm neutros perante os negros, mas ao se transformarem em "autoridades policiais" e obterem licença para matar, se tomam potenciais assassinos de negros. A base sentimental destes dois tipos de racistas - O DOMINADOR E O AVERSIVO - é a antipatia contra o negro. Este sentimento anti-negro é a motivação básica de todo tipo de boicote ao negro, inclusive no mercado de trabalho. Ora, se alguém na sua vida particular faz tudo para não ter relações amistosas com negros, na vida profissional procurará manter-se coerente com seu sentimento. Se tiver oportunidade de escolher seu parceiro de

trabalho, certamente preferirá alguém que não seja negro. Esse sentimento torna desnecessário escrever normas empresariais específicas para vetar negros. Ficará mais claro com um exemplo. Quem já viveu em cidades onde existe um bairro de ciganos, sabe que esta gente é completamente marginalizada. A crença popular tem esta gente como perigosa e desonesta. Ninguém quer manter contato com ciganos, e eles sabem disso. Basta a aproximação de um cigano para que as pessoas fiquem de prontidão e vigilantes. Não é preciso nem falar sobre eles para gerar este estado de alerta - isto já é CONSENSO POPULAR. Da mesma forma que existe consenso popular sobre ciganos, também existe sobre negros. Só que os ciganos sabem disso e usam essa pressão popular para se unirem, enquanto os negros parecem não compreender o que os brancos pensam e sentem pelas pessoas da raça negra. Pressionar ciganos é como pressionar uma mola, quanto maior a pressão mais força ela acumula. Pressionar negros é como pressionar manteiga, quanto mais pressão, mais ela escapa pelos vãos dos dedos, completamente deformada e sem o menor acúmulo de forças. Este tipo de reação negra criou um outro consenso popular: A FALTA DE BRIOS DO NEGRO. Todos estranham sua incapacidade de reação. Para encerrar esta abordagem do sentimento, anti-negro, motor do racismo, apresento uma pequena história sobre a índole instintiva que condiciona os animais. Nós, os humanos, gostamos de dizer que somos ANIMAIS racionais. Somos RACIONAIS SIM, MAS AINDA ANIMAIS.

O CORDEIRO E O LOBO

"Muitos anos atrás um cordeiro, fanaticamente ligado à vontade de conhecer as coisas pessoalmente, resolveu pesquisar a vida dos lobos. Até aquele momento só ouvira histórias escabrosas, contadas por pessoas suspeitas de estarem mentindo. Gente revoltada contra os pobres lobos. Ele decidiu que para descobrir a verdade, ignoraria o testemunho de terceiros, pessoas indignas de confiança. Ninguém conhecia melhor os lobos do que os próprios lobos. Então que se fosse direto a eles. O cordeiro escreveu uma carta a um filósofo-lobo com uma pergunta simples e objetiva: 'O que são os lobos ?' O filósofo-lobo respondeu imediatamente e disse tudo. As formas dos lobos, tamanhos, cores, hábitos sociais, o que achavam belo ... Enquanto estava escrevendo, o filósofo-lobo parava para pensar sobre a importância de falar sobre o que os lobos gostavam de comer. E sempre concluía que hábitos alimentares não são de interesse filosófico, que são hábitos acidentais, condicionados pela cultura. Não pertencem ao caráter dos lobos. O cordeiro ao receber a carta, deu pulos de alegria. Ele estava certo! Quantas mentiras haviam dito sobre os lobos! Mas agora, testemunha de primeira mão, sabia finalmente quem eram os lobos: almas irmãs, criaturas de carne e osso neste mundo de Deus. E até resolveu visitar os lobos para um debate face a face. E foi só aí que ele aprendeu a verdade sobre os lobos. Descobriu, tarde demais, que antes de

tudo, os lobos adoram comer cordeiro".

Usei esta história para provocar a meditação, por analogia, do que tem sido o hábito dos brancos em relação aos negros!

A MOBILIZAÇÃO NEGRA - Em seu livro "A Integração do Negro à Sociedade de Classes", Florestan Fernandes faz uma pergunta chave: "COMO SE EXPLICA A TOLERÂNCIA PROLONGADA DO NEGRO E DO MULATO A CONDIÇÕES TÃO DEVASTADORAS, HUMILHANTES E INDESEJÁVEIS DE EXISTÊNCIA SOCIAL? Há um limite para a paciência e o conformismo. Um grupo só se revela INCAPAZ DE SE REVOLTAR quando não tem possibilidades de manipular as forças sociais do ambiente. Esta incapacidade é o tema central deste livro: A EXTREMA IMPOTÊNCIA DO NEGRO E SEUS MISTIÇOS. Ainda Florestan diz: "O que há de ruim com OS FRACOS é que eles NÃO POSSUEM FORÇA suficiente PARA SE UNIREM COM O OBJETIVO DE COMBATER AS RAZÕES DE SUA FRAQUEZA."

Se compararmos o modo dos negros encararem uma disputa com as experiências e técnicas de luta de outras raças, veremos que o negro desconhece os mais elementares princípios da ARTE DA CONFRONTAÇÃO. A arte da confrontação, cujo nome mais sofisticado é ESTRATÉGIA, nasceu muito antes de Cristo. Os povos que fizeram uso desta arte - ora por desejo de vingança, ora por desejo de conquista - adquiriram para si vastos impérios: Egito, Roma, países europeus após o desenvolvimento das armas de fogo, os americanos e os russos após a II Guerra Mundial. Impérios formados em épocas em que era legítimo apoderar-se de outros países através da guerra. Hoje o confronto entre os povos deslocou-se dos campos de batalha para as mesas de negociação. O objetivo das disputas modernas não é mais a DESTRUIÇÃO do inimigo e a tomada de seu território, mas a SATISFAÇÃO de clientes num novo território chamado mercado. O Japão é o exemplo mais flagrante desta mudança. Arrasado por duas bombas atômicas, abandonou suas pretensões imperialistas via guerra, e abraçou com tenacidade outra forma de luta: a luta econômica. Enquanto todas as grandes potências se empenhavam em construir exércitos fabulosos, o Japão especializou-se em fornecer conforto tecnológico para todos os países do mundo. Não se passou nem meio século da vitória americana, e os japoneses fincam suas bandeiras nos principais centros comerciais dos Estados Unidos. O desemprego que os produtos japoneses causam aos americanos é tão fatal como a explosão de uma bomba japonesa em plena capital americana. Neste novo cenário a ARTE DA CONFRONTAÇÃO - A ESTRATÉGIA - deixa de ser assunto de militares e dirigentes nacionais para tornar-se um instrumento de empresários. À medida que o conflito CAPITAL VERSUS TRABALHO se agravou, os sindicatos também passaram a incorporar modos de luta que usam o arsenal dos conceitos estratégicos. A igreja, ao envolver-se nos conflitos sociais, também adotou

ferramentas da estratégia. Políticos e lideranças bem informadas fazem uso de ações estratégicas. Enfim, o ferramental da estratégia passou a ser usado pelo homem comum, desligado do mundo militar. Entretanto, quem observa os negros percebe que NEM MESMO os destaques dos grupos negros - "AS ESTRELAS" -, possuem conhecimentos sobre a arte da confrontação. Basta prestar atenção no linguajar dessas "ESTRELAS" para perceber que não há a menor indicação de que o negro tem acesso ao acervo das técnicas da arte da confrontação. Quem acompanha a evolução dos fatos nesta área, reconhece a MESMICE dos velhos discursos. A falta de conhecimento da arte da confrontação, adicionada à impotência social dos negros produz muito mais prejuízos que a antipatia racista dos brancos. Antipatia que um líder bem informado aproveitaria para formar a imagem do "INIMIGO COMUM", conceito extremamente útil num confronto. Atualmente os brancos possuem inúmeras fraquezas que poderiam ser bem exploradas pelos negros. Os japoneses do Brasil demonstraram que os brancos não são uma fortaleza impenetrável. Eles estudam nas mesmas escolas que os brancos, usam os mesmos livros, seguem as mesmas leis, mas estão pouco a pouco conquistando espaços onde antigamente só os brancos dominavam. Este livro se propõe colocar a serviço do negro o arsenal da arte da confrontação - a estratégia.

BREVE HISTÓRICO DA RESISTÊNCIA NEGRA - Após a abolição, a necessidade imediata de conseguir abrigo e comida afastou a possibilidade dos ex-escravos agruparem-se em torno de objetivos sociais de longo alcance. Somente na década de 1930, 50 anos após a abolição, surgiram negros capazes de compreender, denunciar e combater a situação miserável dos ex-escravos. Um grupo denominado FRENTE NEGRA BRASILEIRA captou os sentimentos anti-negro dos brancos usando-os como estímulo para a competição. Estimularam os negros a adquirirem propriedades, a se esmerarem no exercício de suas profissões e a se aplicarem nos estudos com a FINALIDADE OBJETIVA DE COMPETIR com os brancos. Chegaram a formar um partido político, o qual foi cassado em 1937 por Getúlio Vargas. A partir dessa cassação, a liderança da Frente Negra entrou em decadência e dispersou-se. Do desaparecimento da Frente Negra até os dias atuais, a resistência negra nada mais tem sido do que o constante aparecimento e desaparecimento de pequeninos grupos, os quais, às vezes, rivais entre si. Espaços políticos conquistados, mas mal utilizados serviram mais para desmoralizar o negro do que promovê-lo. É o caso do Conselho do Negro, em São Paulo. Após anos de existência, nem sequer é conhecido na periferia da cidade, onde se concentra grande número de negros e mestiços. Sinal evidente de fracasso.

A CONCILIAÇÃO - A atuação dos líderes negros tem sido marcada pelo desejo de conciliação com a sociedade branca, apesar da clara rejeição e

sabotagem dos brancos sobre os negros. Vários são os fatores que colaboraram para que a conciliação tomasse o lugar da confrontação. Sem dúvida um dos mais importantes fatores é o MEDO. Os brancos sempre estiveram melhor armados do que os negros. Embora não haja intimidação declarada, os negros sabem que esta força armada pode ser usada para conter suas pretensões. A passeata de 1988 no Rio de Janeiro é um exemplo notável de demonstração de força. Nesta passeata os negros pretendiam repudiar o monumento a Duque de Caxias, notório matador de negros, quando foram contidos por duas longas filas de soldados do exército armados com metralhadoras. Quem viu o cano da arma apontado em sua direção sentiu que a situação poderia ter um desfecho trágico. OUTRO FATOR é a credence popular, bastante disseminada entre os negros, de que um bom número de brancos gosta de negros. O mito da tara do português pela negra é bastante citado. Esta credence vem dos tempos de senzala, onde a falta de mulheres brancas nas fazendas fazia os homens optarem pelas negras, em inúmeros casos até violentamente. Ora, quem conhece as cidades do interior e a vida de fazenda, sabe que muitos rapazes se iniciam sexualmente até mesmo em animais domésticos. Sem esquecer o troca-troca de meninos. Gilberto Freire descreve muito bem estas perversões em seu livro *CASA GRANDE E SENZALA*. O que existia na realidade era um abuso sexual sobre as mulheres negras por falta de opção dos brancos. A dificuldade em arranjar mulher é o que realmente compeliu o branco sobre as negras dando origem aos mulatos e ao abastardamento da raça negra. Casos de amor devem ter existido, mas daí a afirmar que havia predileção amorosa é exagerar no tempero. Se fosse assim teríamos que falar do amor dos rapazes brasileiros pelas cabritas, e pelos outros meninos. OUTRO FATOR a ser considerado é a atitude apalermada do negro diante de um racista. A agressividade, que é uma reação legítima e natural do ser humano quando agredido, parece sofrer um bloqueio dentro do negro. O NEGRO, de um modo geral, TRATA AS PESSOAS RACISTAS COMO SE FOSSEM MOLEQUES MAL EDUCADOS A SEREM IGNORADOS AO INVÉS DE PUNIDOS. O mesmo negro que brigaria com um branco se este mexesse com a sua mulher, fica paralisado e abobalhado caso este mesmo branco xingasse a ambos de "macacos", "negros sujos", etc. Este desarmamento de espírito contribui para o enfraquecimento da raça negra inteira. OUTRO FATOR é a notória predileção sexual dos negros pelas pessoas brancas. Vários são os negros militantes que discursam em tom agressivo contra o racismo, mas qual não é a surpresa ao nos depararmos com alguns desses negros abraçando e beijando pessoas brancas. Vários foram os líderes que perderam credibilidade por terem a desfaçatez de levar amantes brancas aos pontos de encontro de negros. OUTRO FATOR responsável pelo desarmamento de espírito dos negros é seu excessivo espírito festeiro. Os estudiosos da confrontação dizem: "QUEM SE DIVERTE NÃO CONSPIRA". Os mesmos instrumentos usados pelo negro

para produzir o samba são utilizados pelos brancos para marcar cadência de desfile militar. Enquanto o negro embriaga-se e dança, o branco marcha disciplinadamente ao lado de seus canhões. Todos esses fatores afetam diretamente O ÂNIMO de quem precisa se compenetrar na hipótese do confronto. OUTRO GRAVE FATOR é a atuação de certos negros que se destacam perante alguns políticos brancos usando o discurso racial. Vendem influências que não possuem em troca de uma falsa mobilização do negro. Esse tipo de gente cria situações revoltantes para quem os observa atentamente. Às vezes, num determinado ambiente, esses líderes negros tratam outros negros, companheiros de luta, com enorme frieza, enquanto abraçam calorosamente os políticos brancos. OUTRO FATOR é a credence espalhada pelo Brasil de que a discriminação do negro é SOMENTE social e não racial. Esta crença nasceu da projeção obtida por alguns artistas e atletas negros nos meios de comunicação. Estes meios, "quando querem", conseguem endeusar determinadas pessoas. Pessoas mal informadas e com curta visão da realidade, são vítimas fáceis deste verdadeiro "canto de sereias" da TV, do rádio e da comunicação escrita. Tais pessoas procuram simplificar o debate sobre a situação do negro invocando o exemplo do Pelé, ou de um artista de sucesso para afirmar que tais pessoas não são discriminadas devido à sua riqueza. Para tais pessoas, se todos os negros fossem ricos e famosos, não existiria o problema do racismo. Elas só não dizem como fazer para que todos os negros fiquem ricos num ambiente onde todas as oportunidades de riqueza foram dominadas pelos brancos.

Todos estes FATORES condicionam o modo dos negros enfrentarem o bloqueio racista. Ignorando os sentimentos anti-negro, apostam na integração social via conciliação. O discurso queixoso, lamentador e ACIMA DE TUDO "PEDINTE" dos líderes negros mostra o caráter que este modo de agir criou nos negros. Os sentimentos anti-negro ainda não foram bem interpretados pelos negros, pois do contrário a competição entre as raças já teria se iniciado no Brasil. Não se sabe com certeza qual o grau da antipatia do branco para com os negros, mas sabe-se que ela tem sido suficiente para impedir o progresso da raça negra no Brasil. A conciliação pela qual o negro tanto se humilha tem sido negada acintosamente pelos brancos. É preciso MUDAR o modo de agir. A história dos povos mostra que, quando a intenção de uma raça adversária é manter o domínio sobre outra, NÃO HÁ OUTRA SAÍDA A NÃO SER O CONFRONTO.

A CONFRONTAÇÃO - O objetivo básico do racista é manter o negro em posição inferior. Essa inferioridade imposta visa manter o negro dependente e submisso ao poder branco de mandar e organizar a sociedade em seu benefício. É notável como os brancos acabam sempre dominando as situações. Até mesmo nos redutos de negros, caso das grandes escolas de samba, quem manda é o branco. Através desse poder, os brancos poderosos conseguiram eliminar os negros de seu convívio

diário. As posições de destaque do mundo econômico, político e militar são ocupadas exclusivamente por brancos. O mesmo ocorre com as áreas residenciais nobres das cidades do Brasil. Este exclusivismo territorial visa manter um alto padrão de moradia e um nível de convivência exclusivamente branca. Através desses cuidados ficam garantidos dois itens muito procurados pelos brancos das classes superiores: (1) a exclusão do negro da vizinhança e da intimidade familiar; (2) e a impossibilidade do envolvimento afetivo entre a juventude branca e negra. Tais objetivos, nunca declarados, dão ao branco um caráter enganador, de "duas caras". Com uma ele trata as pessoas de sua raça e, com outra, as pessoas negras. Esse comportamento enganador, além de transformar o assunto "racismo" em debate inconveniente, tem um EFEITO INTENCIONAL extremamente prejudicial à capacidade de reação do negro: NÃO DECLARANDO FRANCAMENTE O RACISMO, OS BRANCOS EVITAM INCITAR OS NEGROS À UNIÃO E À REBELDIA COLETIVA. Ao praticar o racismo camuflado, os brancos visam mexer com a psicologia dos negros deixando-os em dúvida sobre a existência da sabotagem racista. Deste modo, os NEGROS FICAM SEM ALVO contra o qual possam atirar. É uma TÉCNICA PARA ENGANAR TROUXAS, mas QUE SURTE um EFEITO FABULOSO NOS NEGROS. O objetivo é evitar que o negro enxergue o branco como inimigo. A tolerância e a passividade dos negros perante os efeitos do racismo demonstram o sucesso dessa tática simples, mas eficiente.

RIQUEZA, PODER E PRESTÍGIO SOCIAL - É difícil enumerar até 100 a quantidade de negros brasileiros bem sucedidos conhecidos publicamente. Saindo do fantasioso mundo artístico e esportivo mostrado pelos meios de comunicação, o número de negros bem sucedidos em carreiras empresariais e políticas cai drasticamente. Mesmo quem circula nos pontos de encontro da elite negra tem dificuldade em enumerar nos dedos de uma só mão a quantidade de negros realmente ricos, poderosos e prestigiados socialmente. Enquanto isso, os brancos possuem, em cada cidade do Brasil, bairros inteiros de pessoas ricas. Esta diferença de poder econômico é o ponto central da diferença entre brancos e negros. A concentração de riqueza conduz ao poder político, e este ao prestígio social. A imagem e o conceito social que os brancos possuem dos negros - feiúra, cultura atrasada, baixa inteligência, índole perversa, etc. - seria bastante modificada se os negros não tivessem tanta dificuldade em acumular riqueza. Não deveria ser necessário escrever sobre a importância da riqueza, mas parece que os negros têm dificuldade em associar BEM-ESTAR e riqueza. Quem presta atenção no linguajar das "ESTRELAS" dos grupos negros - sejam de esquerda ou de direita - percebe que o "tema riqueza" é um dilema muito mal resolvido no meio negro. Normalmente tratam este assunto em termos ideológicos, dividindo simploriamente a sociedade em duas classes: classe dominante e classe

dominada. Na classe dominante - rica - só tapeadores de pobres; na classe dominada - pobre - só palermas inocentes enganados pelos ricos. Quem pretender sugerir ao negro para disputar riqueza com os brancos é logo tachado de direitista, elitista e inimigo de pobre. Até os dias atuais, início da década de 1990, tem sido muito difícil trabalhar no meio negro devido à predominância de pessoas que possuem esta empobrecida visão de mundo. Tais pessoas são um verdadeiro fardo sobre as costas da raça negra.

OBJETIVOS E OBSTÁCULOS - O desprezo do branco pelo negro está intimamente ligado à incapacidade da raça negra em acumular riqueza. Muitos negros acreditam que este acúmulo só acontecerá se os brancos derem oportunidades econômicas aos negros. Isto seria verdadeiro caso os sentimentos anti-negro não impedissem a solidariedade dos brancos para com os negros. Por estranho que possa parecer, o negro ainda não aprendeu a contar apenas consigo próprio e desconfiar da deslealdade típica dos brancos para com negros. Vendo a disputa deste ponto de vista, chegou o momento de trazer para este trabalho alguns conceitos da estratégia.

A arte da confrontação - **ESTRATÉGIA** - trabalha com três conceitos básicos e elementares: (1) **OBJETIVOS**; (2) **PODER**; (3) **OBSTÁCULOS**.

OBJETIVOS - Ao passar a existir, o ser humano se defronta com muitas necessidades materiais que vão despertar seus interesses individuais. Assim o homem parte em busca de alimentos, abrigo e segurança para si e sua família. Ao adicionar **INTELIGÊNCIA E RAZÃO** À sua **AÇÃO**, nascem os **OBJETIVOS** individuais. Porém, ao conviver com seus semelhantes, os indivíduos descobrem que possuem **NECESSIDADES E INTERESSES** em comum. Daí resultam a solidariedade e OS **OBJETIVOS GRUPAIS**. Dentre os **INTERESSES GRUPAIS** os **FUNDAMENTAIS** são:

- **INTERESSE DE SOBREVIVÊNCIA**: necessidade de manter a existência e a vitalidade do grupo;
- **INTERESSE DE EXPANSÃO**: necessidade de ampliar e fortalecer o grupo;
- **INTERESSE DE COESÃO**: necessidade de manter o grupo unido;
- **INTERESSE DE PROTEÇÃO**: necessidade de manter condições de segurança para o grupo;
- **INTERESSE DE INFLUÊNCIA**: vontade de exercer liderança sobre os grupos com os quais se relaciona e,
- **INTERESSE DE INTEGRAÇÃO**: necessidade de reduzir conflitos internos entre os integrantes do grupo.

Tais interesses foram plenamente alcançados pelos brancos que

EQUIPARAM-SE muito bem PARA AMPLIAREM-SE E FORTALECEREM-SE sobre outros grupos raciais. Já no início da conquista européia, as pesquisas nas áreas da construção naval e do armamento baseado no poder explosivo da pólvora permitiram ao homem europeu expandir-se pelo mundo através dos mares e impor sua vontade sobre outros povos através das armas. As Américas, a África e a Ásia foram forçadas a ceder ao poder do homem europeu. O esforço coletivo dos povos europeus em conquistar povos de outras raças, resultou na LIDERANÇA quase incontestada QUE OS BRANCOS EXERCEM em nosso mundo atual. A VITALIDADE e a COESÃO dos brancos em relação aos negros é notável. Possuem hoje um formidável poder militar, econômico e político que lhes dá total segurança frente às pretensões dos negros. As condições alcançadas pelo grupo branco contrastam com a FRAGILIDADE DO GRUPO NEGRO.

O PODER - Entretanto, para atingir objetivos, outros dois fatores são fundamentais: (1) A VONTADE e (2) a CAPACIDADE. Quem estuda a ciência do poder - CRATOLOGIA - descobre que a vontade é a origem do poder. Mas só vontade de satisfazer um interesse não basta; é preciso ter capacidade. Da soma destes dois fatores nasce o PODER. Eis a definição de poder:

"...para satisfazer seus interesses, o homem deve utilizar os meios disponíveis e adequados, para a IMPOSIÇÃO de sua vontade, de forma a assegurar o domínio sobre quaisquer forças ou obstáculos que lhe oponham resistência".

Em resumo: "PODER É A CAPACIDADE DE IMPOR A VONTADE".

PODER GRUPAL - Convivendo com seu semelhante o homem descobre que possui uma série de interesses iguais aos de outras pessoas. Ao se agruparem, tais interesses se transformam em VONTADE COLETIVA. Quando tal vontade é forte o suficiente para motivar a contribuição individual de cada elemento do grupo, surge a CAPACIDADE COLETIVA. Neste momento nasce o PODER GRUPAL; Tão logo se forma um grupo interessado em atingir objetivos surgem pessoas que concentram em si o poder do grupo. Desta concentração de poder nasce a AUTORIDADE, o centro do poder do grupo.

Os brancos europeus sempre agiram coerentemente com a teoria que descreve o poder. Quando saíram de seus países para lotear as Américas e escravizar a África, estavam bem conscientes de que precisariam guerrear para concretizar sua intenção. Vieram imbuídos de uma VONTADE FÉRREA E CAPACITADOS para combater quem a eles se opusesse. Os índios se opuseram e tiveram a oportunidade de experimentar a novidade européia: o bacamarte e o canhão. Na África, os

negros também se opuseram, mas a arma de fogo lhes dobrou os joelhos. No Brasil, outra vez os negros se opuseram através dos quilombos, mas novamente os canhões deram seu recado. Desde o início da colonização das Américas até os dias atuais, os brancos não têm feito outra coisa senão imporem sua vontade sobre as outras raças, para o que estão plenamente capacitados.

OBSTÁCULOS - Quem tem consciência do que é a natureza humana sabe que a simples persuasão e o consenso em torno daquilo que é melhor nem sempre garante a colaboração de todos. Sabe também que o valor da liderança e prestígio da autoridade nem sempre são suficientes para vencer determinadas resistências. Quando as coisas se configuram deste modo não há outra saída senão confrontar os obstáculos.

Os estrategistas subdividem os obstáculos em dois tipos básicos: (1) FATORES ADVERSOS e (2) ANTAGONISMOS. Fatores adversos são DIFICULDADES "NÃO CRIADAS" por adversários.

Resultam da ação da própria natureza - como secas, inundações, etc. - ou de fatos sociais - como a falta de consciência política, falta de HONRA E BRIO grupal, analfabetismo, etc. Já os antagonismos resultam da ATITUDE DELIBERADA de um adversário em se contrapor aos objetivos de outro grupo.

Quando o antagonismo dispõe de poder - força, ameaça, enganação, etc. - passa a denominar-se PRESSÃO. Pressão é a CAPACIDADE DE SE CONTRAPOR AOS OBJETIVOS de outro grupo. Quando uma pressão tem meios para bloquear e sabotar os objetivos de outro grupo, passa a se denominar PRESSÃO DOMINANTE. Entre países, pressões deste tipo podem conduzir à guerra caso as vias pacíficas não sejam suficientes para contornar o problema. Entre grupos de uma mesma nação podem originar graves instabilidades políticas com possíveis violências sociais. O Brasil teve muitos conflitos dessa natureza. Entre brancos tivemos a Guerra dos Canudos, o conflito entre Comunistas e Capitalistas que resultou nos movimentos guerrilheiros como a Guerrilha do Araguaia, etc. Entre brancos e negros tivemos as inúmeras rebeliões quilombolas.

INFORMAÇÕES - Determinar quem são os adversários, bem como sua capacidade de pressão, requer um sistema de informações eficiente. Sem informações não há a mínima segurança para quem pretende partir para a confrontação. Aquele que desprezar a importância das informações será surpreendido e sofrerá amargas consequências.

O MODERNO MÉTODO DE ESTABELECEER OBJETIVOS E AVALIAR PODER - Após a Segunda Guerra Mundial, os dirigentes de países passaram a avaliar o poder de seu povo utilizando as técnicas dos estrategistas militares. Os estrategistas dividem o poder de um país - PODER NACIONAL - em quatro grandes áreas: MILITAR, POLÍTICA,

ECONÔMICA e PSICO-SOCIAL. Essa subdivisão mostrou-se bastante útil por permitir ao dirigente nacional a visualização objetiva do poder de seu país, de países adversários e de inimigos internos. Neste contexto, os órgãos de informação são indispensáveis. A esta nova visão do poder nacional, foram incorporadas técnicas recentemente adquiridas pela ciência administrativa, tal como a análise de sistemas. Esse novo ramo da administração recomenda a subdivisão de problemas complexos em partes menores e mais simples. Isto simplifica a solução do problema porque permite entregar as diversas partes do problema a equipes especializadas. Tal abordagem tornou-se perfeitamente adequada ao novo modo dos estrategistas enxergarem o poder nacional: por área. Desta forma os objetivos da área militar são estabelecidos e resolvidos pelos profissionais especializados em assuntos militares, os objetivos da área econômica pelos seus respectivos especialistas e assim por diante.

A introdução desse método de ação no meio negro exigirá grande esforço e paciência sem limites. Aquele que pretender ensinar ao negro o manuseio destas novas ferramentas de mudança social deverá estar preparado para a resistência e o desprezo que os negros normalmente dão a novos conhecimentos. Primeiramente haverá que se conscientizar ao negro que a ele também se aplicam as leis da ciência moderna.

OS NEGROS E O PODER NACIONAL - Embora os negros estejam em situação inferior nas quatro áreas do poder nacional, somente algumas oferecem possibilidades para o negro competir com os brancos sem o risco do confronto violento. A área militar composta pelos PODERES NAVAL, AEROESPACIAL e TERRESTRE e pelas forças auxiliares de segurança - Polícias Federal e Estaduais - é um bloco "quase" impenetrável para as questões raciais. Felizmente, os sentimentos anti-negro dos brancos das forças armadas deixaram de ser utilizados contra os negros após a abolição. Entretanto, o mesmo não ocorre em relação às forças auxiliares estaduais - polícias civil e militar. Estas freqüentemente cometem abusos contra as pessoas negras em ações que vão desde a abordagem policial humilhante até casos de assassinato. Este segmento auxiliar do poder militar, que opera sob o comando de governadores estaduais eleitos pelo voto direto, portanto sujeitos à pressão política, começa a ser questionado por líderes da raça negra. As reclamações contra os abusos de policiais racistas começam a receber atenção dos secretários estaduais de segurança pública e dos comandantes de polícia. Embora isto signifique algum alento, a solução definitiva só virá quando os negros ocuparem posições executivas no governo estadual e conseguirem influir na contratação e demissão dos funcionários da segurança pública. Entretanto este é um objetivo político de longo prazo que dependerá PRIMEIRAMENTE do fortalecimento do poder dos negros em outras áreas do poder nacional.

Se na área militar pouco se pode fazer, nas outras - ECONÔMICA,

POLÍTICA E PSICOSSOCIAL - as possibilidades de modificação da situação inferior do negro são inúmeras. Este será nosso próximo assunto.

EM BUSCA DO PODER NEGRO

O CONFRONTO MODERNO - Quando os ingleses iniciaram sua revolução industrial, o sistema de trabalho baseado em escravos sofreu um golpe do qual jamais se recuperou. A riqueza dos povos, até aquele momento, baseava-se exclusivamente na expansão guerreira. Territórios, recursos naturais e gente para trabalhar como escravo ou para formar novos exércitos eram os objetivos principais da guerra. Neste contexto, a mentalidade mundial dos homens glorificava o uso das forças armadas. A palavra MATAR não causava repúdio porque estava ligada à palavra CONQUISTAR. ESCRAVIZAR significava poupar a vida do inimigo. Com a revolução industrial, descobriu-se uma forma menos perigosa de enriquecer. A instalação de indústrias não requeria a invasão de novos territórios, e os trabalhadores podiam ser obtidos entre os habitantes do próprio país. Os europeus já haviam experimentado, via artesanato, alguns surtos de industrialização no século XIII, quando reiniciou-se na Europa a formação de cidades - os BURGOS - que deram origem à BURGUESIA. E os europeus sempre foram muito habilidosos em retirar lições da história. Ao perceber que a nova modalidade de enriquecimento seria bloqueada pelo modelo escravagista, a Inglaterra não poupou esforços para destruí-lo. O mesmo armamento utilizado para garantir o tráfico de negros, agora, servia para combatê-lo. Alguns países chegaram a ser ameaçados de guerra. Outros, sob a influência de hábeis agitadores a mando dos ingleses, acabaram em guerra interna caso da Guerra Civil Americana que teve como causa principal a abolição da escravidão. Porém, a abolição não significou amor humanitário dos brancos em relação a negros. A forte rejeição que os brancos sempre sentiram pelos negros condenou, após a abolição, gerações inteiras ao subdesenvolvimento econômico e social. Embora esta hostilidade nunca tenha sido tão forte quanto aquela que causou o extermínio dos judeus em mãos nazistas, não foram raros os casos de violência de grupos organizados com a finalidade de matar negros. Assim foi com a Klu Klux Klan americana e com os Esquadrões da Morte do Brasil. No Brasil, ainda é comum a brutalidade policial sobre os negros. Entretanto, nos dias atuais, tal brutalidade tem diminuído bastante, ficando em seu lugar as pressões predominantemente econômicas e sociais. Na área econômica, diversas são as formas utilizadas pelos brancos para manter a riqueza sob seu controle. E nisso encontram muitas facilidades, pois praticamente inexistem entre negros a vontade de competir com os brancos na área econômica. Os negros não participam do mundo dos negócios e tampouco estão motivados para tal. Em qualquer ponto do Brasil tudo que o negro consome é comprado de brancos. Todas as empresas que ALIMENTAM, VESTEM, CURAM, EDUCAM, FABRICAM E DISTRIBUEM MERCADORIAS, etc., são propriedades de brancos. Isso dá ao branco o monopólio do acesso à riqueza e ao bem-estar do mundo

moderno, bem como a supremacia sobre os negros. Os reflexos na área social são óbvios. Não é preciso descrever o tratamento reservado para as pessoas pobres. Pior ainda quando o pobre é negro, raça universalmente rejeitada e mal amada. Diante de uma situação tão adversa, seria normal se os negros procurassem traçar alternativas econômicas AUTÔNOMAS, através das quais pudessem gerar e distribuir riquezas entre si. Desta forma seria possível criar estruturas sociais alternativas onde a hostilidade branca perdesse a capacidade de provocar danos no destino da raça negra. Uma atitude competitiva dos negros na área econômica certamente não encontraria cooperação branca, mas em hipótese alguma geraria reação violenta, pois a competição econômica é amplamente aceita em nível mundial e considerada saudável nos dias atuais.

ALIADOS, NEUTROS E ADVERSÁRIOS - Antes de abordar a hipótese de confronto econômico entre negros e brancos, é necessário determinar com quem o negro poderá contar; quem se omitirá; e contra quem ele irá lutar.

OS NEUTROS - Embora este livro focalize apenas os brancos racistas, é preciso dizer que existem brancos neutros e até simpatizantes de negros. Entretanto tais pessoas são pouco numerosas e nada podem fazer para alterar a situação GERAL dos negros. Além disso, defender negro atrai muita antipatia em qualquer meio social. Não seria correto pedir a um branco que lute a favor do negro enquanto muitos negros nada fazem para beneficiar a si próprios.

Na raça negra as dificuldades não são menores. Existe entre os negros uma fragmentação racial muito grande. A mistura entre negros e brancos das classes mais baixas fez surgir uma enorme população de mestiços. Existem mestiços de todas as tonalidades de pele: desde o "quase preto" até o "quase branco". Aqueles que estão mais próximos das características físicas dos brancos adquirem - quase todos - a ilusão de serem brancos. Alguns sentem tanta vergonha de sua raça que procuram esconder seus familiares, evitando aparecer em público ao seu lado. Pessoas como estas não se identificam com os negros e deles querem distância. Isto não significa que o mestiço não deva ser convocado para as fileiras negras, mesmo porque, neste caso, o "exército" negro ficaria muito desfalcado, pois os negros retintos formam apenas 7% da população brasileira. Apenas deve ser melhor observado para que a causa dos negros não sofra traições internas.

Embora os negros retintos sejam os mais interessados na solução do problema racial, não são raros os que negam a raça. Alguns chegam a ser perigosos, pois se apressam em comentar com brancos aquilo que lhes dizemos em conversas reservadas - como se quisessem denunciar alguma conspiração.

OS ADVERSÁRIOS - O sentimento anti-negro existente entre brancos, transforma "quase" todo branco em um provável inimigo oculto. Esta constatação deveria ser suficiente para que os negros - por precaução - ficassem de prontidão perante todo e qualquer branco. Tal atitude - aparentemente radical - eliminaria o fator surpresa das deslealdades de racistas camuflados. Não se pode generalizar, mas DE BRANCO, EM RELAÇÃO A NEGROS, CEDO OU TARDE, SEMPRE VIRÁ ALGUMA DESLEALDADE. O mesmo se aplica a uma vasta maioria de mestiços, especialmente os "quase" brancos.

ALIADOS - Não basta ser negro para servir aos propósitos de melhoria da raça. Há de ser negro, mas também há de ser útil. O critério de seleção de aliados deve ser a coerência perante os ideais de progresso da raça negra. Tais ideais devem ser os BALIZADORES para a seleção de aliados. É o momento da coerência e da utilidade, e não apenas da aparência. Para esta causa, além da raça, é preciso identidade, qualificação, fé nos objetivos, dedicação à causa e esforço nas ações. Esforço que deve visar primeiramente à obtenção de riqueza. Condição básica para a conquista do prestígio e do respeito entre os próprios negros, pois muitos já não acreditam na capacidade de realização de sua própria gente.

O PORTE E A ESTRUTURA DO ADVERSÁRIO - Normalmente, quando se compara o estágio de desenvolvimento de negros e brancos, as primeiras imagens que nos vêm à mente são: brancos ricos e bem sucedidos versus negros comuns. Tal comparação é inadequada, pois eleva TODOS os brancos à categoria de semi-deuses e rebaixa todos os negros à categoria de incapazes. Infelizmente esta inadequação é utilizada também por negros. Ao comparar-se com a imagem de grandes empresários, líderes políticos e figuras proeminentes do mundo artístico, o negro contribui - ingenuamente - para formar a imagem da superioridade racial branca em contraposição à inferioridade da raça negra. Trata-se da alimentação do complexo de inferioridade pela própria vítima. Ao desconsiderar que tais pessoas estão acima da média de milhões de brancos comuns, o negro cria a imagem de que todos os brancos são capazes das maiores façanhas humanas. Deixa de notar a fragilidade dos brancos das classes mais baixas. Tais brancos, pobres, sem instrução, sem cultura e desqualificados profissionalmente, existem aos milhões, e estão completamente vulneráveis a uma ação social que vise dominá-los econômica e socialmente. A fragilidade desta grande parcela de brancos dá ao negro um adversário de menor porte, enfraquecido e sem motivação para lutar em grupo. Sobre esta parcela o desprezo é apenas social e não racial. O desprezo social remete as pessoas a uma luta solitária em busca de riqueza e prestígio individual. O desprezo racial coloca em jogo a questão da honra e do prestígio de um povo. Portanto, além da

necessidade de enriquecimento individual, está a necessidade de melhorar a situação e a imagem dos "semelhantes raciais" a fim de eliminar possíveis fontes de "DESPRESTÍGIO E VERGONHA SOCIAL".

Logo acima dos brancos das classes baixas, está uma classe média que sempre teve a seu dispor um mercado de trabalho não disputado pela outra metade do Brasil. A ausência de negros nas áreas científicas e tecnológicas permitiu-lhes o domínio solitário do conhecimento técnico moderno. Esta situação sempre lhes garantiu todas as posições de destaque na indústria e no comércio.

Mas, embora estes brancos estejam na frente, é de conhecimento público que o Brasil não é celeiro de grandes cientistas, nem tampouco exportador de tecnologia. Isto significa que os brancos dessa classe podem ser bons, mas não são os melhores nem tampouco insuperáveis. Aos negros falta eleger esta área como importante e prioritária e, em seguida, dedicarem-se ao firme propósito de dividir o domínio branco. Os japoneses deram o exemplo - aqui mesmo no Brasil - de que os brancos podem ser superados. Entretanto, ao contrário da disputa com as classes brancas pobres, este é um caminho longo, que exige esforço, disciplina e união a partir da célula fundamental da sociedade - a família. Esses itens, difíceis de serem encontrados no meio negro, devem ser estimulados a qualquer custo na raça negra. Para isto devem ser criados mecanismos autônomos, independentes da interferência branca, por meio dos quais uma parcela das famílias negras seja abordada e estimulada a mudar seu comportamento no contexto psicossocial e econômico.

QUALIFICAÇÃO E AUTONOMIA ECONÔMICA - O mundo moderno exige grande capacitação técnica para desenvolver suas atividades econômicas. Dentre essas atividades, as maiores exigências estão no ramo industrial. Na indústria, são exigidas habilidades para OPERAR E REPARAR equipamentos, PROJETAR E ADAPTAR novas máquinas, PESQUISAR E DESENVOLVER novos produtos e, finalmente, VENDÊ-LOS nos mercados nacional e internacional. Num passado não muito distante, era possível ao trabalhador iniciar carreira como ajudante e, com esforço, aprender os serviços ligados à operação e manutenção de equipamentos. Entretanto, atualmente, com o uso de máquinas sofisticadas e a automação industrial, até mesmo essas fases iniciais exigem treinamento técnico em escolas profissionalizantes. Para as fases seguintes - PROJETO, ADAPTAÇÃO, PESQUISA E DESENVOLVIMENTO - é impossível iniciar sem antes se ter passado pelas escolas técnicas e de engenharia. Embora esta constatação seja "quase" um consenso popular, nenhum líder negro tem isso em mente. Se tivesse, seria possível detectar em seus discursos a preocupação em estimular as famílias negras a encaminharem seus filhos para as escolas técnicas. Quando um jovem se encaminha para estas áreas, sua mentalidade muda e ele passa a enxergar novas oportunidades mais

rendosas no mercado de trabalho. Já na juventude aprenderá a abrir caminhos que o conduzam à autonomia econômica, via qualificação profissional.

COMÉRCIO - Se na área industrial são grandes as exigências de qualificação e instrução técnica, recomendando-se estudar desde jovem, na área comercial as coisas são diferentes. Não há necessidade de qualificações técnicas especiais para se montar a grande maioria dos estabelecimentos comerciais. Ainda é possível observar pequenos estabelecimentos comerciais, montados em bairros de periferia, trazerem prosperidade a seus proprietários. Entretanto, se não são necessárias qualificações técnicas especiais, nesse ramo exige-se visão comercial, iniciativa e coragem para o risco. É preciso saber enxergar as necessidades das pessoas e arranjar um modo viável de supri-las em troca de lucro. Se a maioria dos negros adultos tem poucas qualificações técnicas para obter melhores salários na indústria, e se montar estabelecimentos comerciais não exige escolaridade especial, então parece haver uma alternativa para os negros prosperarem.

O MODELO DAS CIDADES BRASILEIRAS - As cidades brasileiras possuem um padrão fixo de organização: uma região central onde ficam os prédios públicos, o comércio, os escritórios e os bancos. Nas proximidades desta região ficam os bairros de moradia de profissionais de nível superior e de pequenos proprietários de empresa. As classes altas geralmente constroem bairros exclusivos. Os "shopping centers", escritórios e consultórios ora instalam-se em regiões centrais, ora em bairros de classe média ou ainda em centros empresariais. Ao redor deste núcleo, ficam os bairros de periferia. Normalmente distantes e de difícil acesso. Neles o comércio é marginal, geralmente de subsistência. Os grandes comerciantes desprezam estes bairros devido ao baixo poder aquisitivo de seus habitantes, como também temem os assaltos, pois a opinião geral é que nestes bairros moram bandidos perigosos. Para os negros, montar estabelecimento comercial nas regiões centrais é missão quase impossível devido a vários fatores. A começar pelo baixo poder econômico da raça negra inteira. Os preços dos aluguéis comerciais nas regiões de maior movimento são altíssimos. Outro grave fator é a pouca tradição de comerciante dos negros. Além disso, existe o grave complexo de inferioridade adquirido pelos negros perante brancos de nível médio. Há muitas décadas o critério da "BOA APARÊNCIA" é utilizado para rejeitar negros em atividades de contato com o público. Prova disso é a ausência de negros e mestiços nos grandes bancos comerciais e nas lojas de artigos de luxo. Por isso, muitos são os negros que se acham feios e temem ser rejeitados pelos fregueses. Entretanto, se nas regiões comerciais centrais as dificuldades são intransponíveis para o atual poder econômico dos negros, nos bairros de periferia as coisas são diferentes. Nestes bairros,

"habitat" de negros, mestiços de todos os tons e brancos pobres, as restrições quanto à aparência diminuem bastante. O grande número de pessoas de sua própria raça e brancos neutralizados pela pobreza faz diminuir a rejeição racial e, portanto, o complexo de inferioridade. Nestes lugares, a possibilidade de utilizar a própria garagem de casa, ou o fundo de quintal, no caso de empresas manufatureiras, afasta a dificuldade inicial do aluguel comercial. Entretanto, para que todas essas facilidades sejam aproveitadas, é preciso que os negros sejam estimulados a atuar na área econômica. Mas, tal estímulo deve partir da liderança da própria comunidade, pois seria ingenuidade esperar que os brancos dêem aos negros a receita daquilo que acabará por superá-los.

A IMPORTÂNCIA DO PSICOSSOCIAL - Quando um indivíduo descobre o caminho do sucesso financeiro, adquire confiança em si mesmo tornando-se independente não só economicamente, mas sobretudo psicologicamente. Entretanto, os bloqueios mentais derivados da intensa e contínua guerra psicológica que os brancos moveram contra os negros visando minar-lhes o espírito de luta, inibem a motivação e a iniciativa da pessoa negra. Para resgatar a confiança do negro em si mesmo será preciso um grande trabalho na área psicossocial. Para levar adiante este trabalho, será preciso estabelecer quais são os negros que deverão ser abordados e com quais argumentos. Dentre os mestiços, os "quase brancos" são os que criam as maiores dificuldades para quem pretende convocá-los para discutir o tema racial. Criam situações embaraçosas, pois muitas vezes quando pensamos que estamos falando com um negro, descobrimos que aquela criatura vive a ilusão de ser branco. Então, para poupar fôlego e energia humana, é melhor abandoná-los à própria sorte. Quanto aos mestiços "quase pretos", é recomendável proceder uma abordagem cautelosa a fim de evitarem-se aborrecimentos, pois alguns desses, também alimentam a ilusão de não ser negro. Este falso negro também deve ser abandonado. Embora este APARAMENTO DE INDESEJÁVEIS reduza o público-alvo, é melhor contar com um número restrito de pessoas autênticas do que trazer um grupo de criadores de problemas para dentro da causa negra.

Naturalmente, para levar adiante o propósito de agir socialmente contra a sabotagem racista, deverão ser construídos LOCAIS PARTICULARES inteiramente dedicados a essa causa. Isto permitirá que o desempenho do trabalho seja profissional e, portanto, capaz de produzir resultados. É óbvio que este local será um local exclusivamente para negros, pois o momento de aguardar auxílio de branco já passou. Deles, depois de tanto tempo de sabotagem e bloqueio econômico e social, a prudência recomenda nada de bom esperar.

A FAMÍLIA NEGRA - A ação psicossocial deve visar à família negra. Nela, além do acesso aos adultos economicamente ativos, se tem acesso à criança e ao jovem. Estes, se vacinados contra a guerra psicológica

branca, garantirão, no futuro, adeptos fiéis e confiáveis. Sendo a família a célula básica da sociedade, saneá-la significa atacar a origem da alienação social dos negros. Entretanto, não se pode ficar só no ambiente familiar. É preciso criar pontos de encontro com outras famílias a fim de se provocar o aparecimento de interesses comuns, capazes de gerar objetivos sociais mais amplos. A linha mestra desse trabalho deve ser sempre o fortalecimento psicossocial dos negros, visando prepará-los para competir com os brancos nas áreas econômicas e nas profissões de nível superior.

A ESCOLA - A escola tem sido tradicionalmente o primeiro lugar onde o negro sente a antipatia branca. Muitos foram os militantes negros que gastaram energias na tentativa de transformar a escola num espaço onde a criança negra não sofresse guerra psicológica. Porém, pouco conseguiram. Hoje, início da década de 1990, começa a circular entre negros a idéia de fundar escolas autônomas, onde a criança negra possa receber aquilo que os brancos se recusam a dar-lhe: educação com respeito e amor. Com certeza, o mesmo espaço construído para receber as famílias negras pode ser adaptado para transformar-se em escola particular a custos mais acessíveis aos negros. Este pode ser um dos primeiros passos para que a criança negra tenha um ambiente psicologicamente sadio, onde não haja guerra de nervos a fim de sabotar sua autoconfiança e amor próprio. Mas enquanto essa proposta não se concretiza, a criança e o jovem negro terão que continuar freqüentando outras escolas. Então, mais uma vez a família assume papel importante. A família negra deve ser municiada de informações e estimulada a conversar sobre o assunto racial. As lideranças negras devem orientar os negros a quebrarem o silêncio que fazem sobre esse assunto no ambiente familiar.

Porém, este não deve ser o tema único da família. Junto com o tema racial, a família negra deve ser orientada a pressionar seus filhos a encaminharem-se para escolas técnicas, a fim de prepararem-se para o trabalho industrial qualificado e melhor remunerado. As famílias devem receber informações sobre as profissões do futuro, para que possam orientar seus filhos a seguirem o melhor e mais rendoso caminho profissional.

OUTROS COMPONENTES DO PSICOSSOCIAL - A igreja, os sindicatos e os meios de comunicação são igualmente importantes componentes do psicossocial. Porém estão inteiramente em mãos brancas sendo impossível na atual conjuntura, pretender que os negros ocupem estes espaços. Existem negros que já se dedicam a estes componentes procurando levar o debate racial para dentro de determinados órgãos. Este trabalho nada tem a acrescentar em relação a esses componentes, a não ser que eles sempre se omitiram perante o drama dos negros.

A CULTURA - Muitos são os negros que acreditam na cultura como forma

de resistência negra. Entretanto, dado o baixo poder econômico dos negros, não são raros os eventos culturais populares que dependem de subsídios de órgãos públicos para continuar a existir. Isto rebaixa qualquer orgulhoso militante negro à vergonhosa situação de mendigo político. Como poderemos chamar de resistência negra o ato de mendigar migalhas das mesas dos brancos de plantão nos órgãos públicos? Parece que, mais uma vez, o fortalecimento econômico é a alternativa mais honrosa a seguir, pois assim o negro terá dinheiro para pagar suas manifestações culturais, como o fazem todas as outras raças do globo terrestre.

O CONTEXTO POLÍTICO - Este tema daria um capítulo à parte caso a solução do problema do subdesenvolvimento da raça negra não estivesse tão ligada ao contexto psicossocial. A distância que os mestiços quase brancos, e até mesmo alguns quase negros, querem manter dos negros retintos é um problema a ser resolvido em nível de psicologia social. A forte rejeição que o negro sente por si mesmo é algo tão grave que, se um dia este assunto for debatido publicamente, será motivo de constrangimento social de todos os negros perante o resto da sociedade. Os sentimentos envolvidos nessa área são tão esquisitos que será preciso uma terapia de massa para liberar a população negra desta verdadeira neurose da raça negra e seus mestiços. Antes disso, convocar negros para aglutinarem-se em torno de objetivos políticos será tarefa destinada ao fracasso.

LUTA PELO PODER VERSUS GERÊNCIA DO PODER - Existe uma diferença fundamental entre a luta pelo poder e a administração do poder. No Brasil, a luta pelo poder tem sido viciada por discursos sem fim, denunciando desmandos e corrupção. Além do eterno conflito ideológico - esquerda versus direita. Nesta fase o que importa é a capacidade de esbravejar, denunciar e prometer. A capacidade administrativa dos candidatos fica em segundo plano. Entretanto, a crença generalizada de que os negros são incapazes econômica e socialmente serve como critério proibitivo para a eleição de dirigentes políticos negros. A cultura popular desconfia de candidatos que não são capazes de demonstrar algum poder econômico ou algum brilho intelectual. E os negros de um modo geral não são bem sucedidos em nenhuma dessas duas exigências sociais. A tendência é que a rejeição econômica e o desprezo social praticados sobre os negros transformem-se em descrédito e rejeição política. Diante deste quadro, mais uma vez o negro é remetido à necessidade de prosperar e evoluir nas diversas áreas do saber humano, em especial nas científicas e tecnológicas, a fim de conquistar a credibilidade e o respeito de todo o povo brasileiro - negros, brancos e outros. A sociedade já demonstrou que não dará chances aos negros. Os negros terão que contar apenas consigo mesmos.

A capacidade administrativa exigida para conduzir empreendimentos

públicos é a mesma necessária para conduzir negócios privados. E se os grandes negócios privados exigem qualificação profissional superior a ser adquirida em escolas, mais uma vez o negro se encontra diante da necessidade de qualificar-se para competir. Visto desta forma, torna-se improdutivo alongar-se na análise da atuação do negro na disputa pelo poder político. O negro só se destacará nesta área depois de ter vencido os desafios da área psicossocial onde aprenderá primeiramente a amar a si próprio e a unir-se com seus semelhantes raciais. Depois disso terá vontade de criar soluções econômicas alternativas a fim de ter acesso à riqueza nacional, hoje concentrada em mãos brancas. Só então começarão a surgir estruturas sociais alternativas que eliminarão o desejo doentio que os negros sentem de estar no meio de brancos. Neste momento todas as condições para um projeto de ocupação do espaço político estarão fornecidas e, neste dia, os negros finalmente estarão APTOS a dividir o domínio do Brasil com os brancos.

